

RICHARD SIMONETTI



*O Destino
em suas
mãos*

O DESTINO EM SUAS MÃOS

Iª. Edição - Novembro de 1998 10.000 exemplares Copyright 1998 by Centro Espírita Amor e Caridade Bauru SP

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja a sua importância.

Se assim fosse, o Homem seria uma máquina destituída de vontade.

Para que lhe serviria a inteligência, se ele fosse invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pelo poder do destino?

Semelhante doutrina, se verdadeira, representaria a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o Homem, nem mal, nem crime, nem virtude.

Deus, soberanamente justo, não poderia castigar as suas criaturas por faltas que não dependiam delas, nem recompensá-las por virtudes de que não teriam o mérito. Semelhante lei seria ainda a negação da lei do progresso, porque o Homem que tudo esperasse da sorte nada tentaria fazer para melhorar a sua posição, desde que não poderia torná-la melhor nem pior.

Allan Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, cap. X

Desvios

Há alguns anos li encantadora história sobre um—pássaro preso nas mãos de inconsequente jovem, conforme o leitor apreciará num dos capítulos deste livro.

Ilustra a ideia de que o destino é moldado a partir de nossas próprias iniciativas.

O mactube, o estava escrito, da filosofia oriental, pode estar presente em acontecimentos significativos, envolvendo casamento, família, profissão, saúde...

Mesmo assim, fundamental considerar que inexorável só o é o instante da morte.

Não suposta hora marcada para morrer, mas o fim da vida física marcado pela morte.

Todos morreremos um dia, fatalmente!

Quanto ao mais, podem ocorrer “desvios de rota” promovidos pelo livre-arbítrio.

Casamentos não se consumam ou se desfazem, profissões são negligenciadas, a saúde se deteriora, desastres acontecem, a morte se antecipa - tudo isso porque o Espírito encarnado nem sempre observa o que planejou ou foi planejado para ele no Mundo Espiritual.

Isso é grave, porquanto, à medida que nos trasviamos, seguimos por caminhos de desajuste.

Mais cedo ou mais tarde seremos compelidos a retornar sobre os próprios passos. Lamentaremos, então, o tempo perdido e as indesejáveis e desnecessárias complicações.

Resultado:

A existência humana caracteriza-se para a maior parte dos homens como o rude labor de consertar o que foi feito de errado. a enfrentarem penosas experiências resultantes de seus desatinos.

Melhor que cumpramos nosso destino, mantendo fidelidade aos compromissos assumidos.

Para tanto, mister se faz que nos disponhamos ao esforço por alargar horizontes de entendimento.

A partir daí teremos acesso mais fácil aos registros da consciência, que guarda em seus refolhos nossa programação existencial.

A Doutrina Espírita tem uma contribuição marcante neste particular, porquanto abre campo às reflexões em tomo da jornada terrestre, sob a ótica espiritual, permitindo-nos visualizar com maior propriedade o que nos compete fazer.

Nestas páginas ofereço ao leitor amigo a oportunidade de meditar sobre o assunto, a partir de temas relevantes, destacando:

A moldagem do destino, as excelências da oração, o planejamento reencarnatório, a família espiritual, fluxos migratórios e expurgos espirituais, problemas de adaptação à existência além-túmulo, o final dos tempos, a influência dos Espíritos, problemas de relacionamento, questões envolvendo o Centro Espírita e até mesmo um teste para você avaliar seu desempenho na vivência do Evangelho, onde temos o melhor roteiro para a observância plena de nosso destino.

Histórias, episódios pitorescos e citações fazem o “recheio ” destas páginas que, espero, não se detenham seladas em suas mãos.

Estarei torcendo para que, abertas, ofereçam-lhe momentos de prazer e, sobretudo, subsídios em favor de uma existência feliz e produtiva, conforme a vontade de Deus, que espera por nossa adesão à sua vontade, em favor de glorioso porvir.

Vida Abundante

Quando criança, conta o escritor Ardis Whitman, vivia numa aldeia da Nova Escócia, no Canadá.

Certa feita uma senhora, mãe de família, morreu. O marido, alcoólatra irresponsável, cuidava pessimamente dos Filhos.

Passavam até fome!

Compadecida daquela situação, piedosa mulher resolveu ajudar. Com autorização paterna, levou o menino mais débil e doente para sua casa.

Mirradinho e sofrido, a vida parecia apagar-se nele. Sombrias perspectivas...

A mãe adotiva era viúva, pobre e inculta, mistura precária para a heroica empreitada de salvar a sofrida criança.

Não obstante, possuía o mais importante - amor e energia suficientes para superar qualquer limitação.

Em pouco tempo ocorreu o milagre:

O menino, literalmente, começou a desabrochar, corpo e espírito sustentados pelo carinho daquele meigo coração de mulher.

Mas ainda havia uma dificuldade.

Algo atrapalhava seu crescimento como ser humano. Algo o perturbava.

E que, estranho e muito tímido, as crianças da redondeza pouca atenção lhe davam.

Pior - zombavam dele!

Um dia sua mãe adotiva encontrou a garotada brincando, enquanto o filho, discriminado, choramingava num canto.

Recomendou-lhe que fosse para casa.

Em seguida, falou com as crianças:

- Neste exato momento está sendo decidido se meu menino será alguém ou não. Estou fazendo tudo por ele. Mas, cada vez que consigo empurrá-lo um bocadinho para frente, vocês o mandam de volta! Não querem que ele viva?! Que cresça, que seja forte e feliz?!

A criançada a olhava, aturdida.

Jamais alguém lhes falara assim!

Um dos garotos perguntou-lhe o que queria que fizessem.

- Conversem com ele! Brinquem! Não o deixem de lado! Por favor, ajudem-me!

Comenta Whitman que nunca esqueceu o episódio.

Foi seu primeiro contato com algo espantoso:

Todos possuímos o poder de edificar ou destruir as pessoas de nossa convivência.

Influenciamo-nos uns aos outros como o sol e a geada sobre um campo verde.

Isso ocorre o tempo todo, permanentemente.

Há pessoas com o talento infeliz de sugerir uma existência sem finalidade nem esperança.

São severas e frias.

Matam o sonho, paralisam a esperança e mutilam a alegria.

O marido que zomba dos esforços da mulher para aprender a cozinhar:

- Está horrível! Você não vai aprender nunca! Por que não desiste?!

A mulher que critica acre mente o marido desempregado:

- Você não tem jeito! É um fracassado congênito. Falta-lhe um mínimo de iniciativa! Não presta para nada!

O professor que se detém em comentários mordazes ao aluno:

- Sua redação está horrível. Falta conteúdo. Há erros primários, letra de debilóide. Será que terei que abrir sua cabeça para você aprender?!

Esses agentes do pessimismo e da má vontade projetam horizontes sombrios.

Diante deles sentimo-nos incompetentes para enfrentar a vida, menores e menos capazes do que julgávamos.

Somos dominados pelo medo, paralisados em nossas iniciativas, conduzidos à inércia.

Mas há também pessoas maravilhosas e inesquecíveis que doam vida.

Com elas crescemos e nos renovamos.

Transmitem poderosa energia.

Estimulam-nos a aperfeiçoar tudo o que somos e o que podemos ser.

Ardis Whitman cita o teatrólogo Edward Sheldon, figura lendária nos palcos de Nova York, no fim do século passado.

Era um homem assim.

Tinha o dom de doar vida!

Aos trinta anos foi atacado por uma artrite progressiva, tão terrível que o paralisou por completo e acabou por tomá-lo cego.

Normalmente, um doente em tão desoladora situação ficaria entregue a uma existência vegetativa, ansiando pela morte.

Mas em Sheldon havia muito amor à vida!

Tanto amor que transformou sua provação em glorioso ensejo para transmitir preciosa lição:

É possível enfrentar com serenidade e coragem a adversidade, por mais terrível nos pareça.

Atraídos por aquele espírito indômito, disposto a viver, embora, aparentemente, só lhe restasse morrer, muitos o visitavam, em peregrinação constante.

Sheldon a todos escutava com absoluta atenção, interessado, animador. Censurava, quando necessário. Sofria com as tristezas dos visitantes, alegrava-se com suas menores alegrias...

Mas, sobretudo, exigia deles o melhor de que eram capazes, ensinando-os a amar a vida e a viver intensamente, fazendo o melhor.

Alguém disse a seu respeito:

- Saíamos revigorados e estimulados do quarto de Sheldon, com cem novos caminhos abertos ao espírito e a tranquila certeza de que dispúnhamos de tempo infinito que chegava para percorrer a todos. Grandiosas perspectivas abriam-se para nós, sob inspiração daquele homem admirável.

Pessoas assim, livram-nos do ceticismo, do enfado, do desinteresse.

Derrubam a apatia que toma conta de nós com o passar do tempo.

São abençoadas!

Certamente todos desejamos ser assim.

Doadores de vida!

Como se consegue esse dom divino?

Bem, meu caro leitor, é elementar que ninguém pode dar o que não possui.

Para que possamos doar vida é preciso, antes de mais nada, que a produzamos em abundância.

Que a tenhamos em nós!

Que cultivemos entusiasmo, iniciativa, capacidade de realização, vibração positiva voltada para o Bem, alegria de viver!

E como inundar de vida nosso espírito?

A resposta está no capítulo décimo das anotações do evangelista João.

Palavras de Jesus:

Vim para que tenhais vida e vida em abundância.

Supremo doador de bênçãos, Jesus nos oferece, com a poesia de suas lições e a sublimidade de seus exemplos, os recursos para que a vida brote em nós e se derrame sobre aqueles que nos rodeiam.

Curiosamente, não obstante as indicações claras, os exemplos objetivos de Jesus, raros conquistam a vida **abundante**.

Por quê?

Talvez seja um problema de bússola...

Sim, é preciso verificar qual estamos usando para encontrar os mananciais desejados.

Geralmente usamos aquela cujo ponteiro está voltado para nós mesmos.

E a bússola do egoísmo.

Acostumados a orientar nossas ações pela ótica dos interesses pessoais, quase sempre preocupamo-nos com o que possamos receber em favor de nosso bem-estar.

Pensamos muito nos deveres do próximo em relação a nós.

Raramente cogitamos de nossas obrigações diante dele.

Quando cristalizamos essa tendência a vida murcha onde pisamos.

O marido que critica a esposa com problemas na cozinha está defendendo seu paladar.

A mulher que agride o marido desempregado pensa em sua segurança.

O professor que humilha o aluno em dificuldade disfarça a própria incompetência.

E preciso usar a bússola certa.

Aquela que aponta em outra direção:

O próximo.

Tendo suficiente justificativa para mil frustrações, Sheldon preferia preocupar-se com os problemas alheios, distribuindo otimismo e coragem, minimizando seus próprios sofrimentos e vivendo em plenitude.

Por isso era um doador de vida, embora, aparentemente, a vida fosse tão escassa nele.

Assim é o cristão autêntico, aquele que faz do empenho de servir o seu ideal, a sua meta, a sua alegria.

Doando-se, distribui vida, reanima os combalidos, incentiva os lutadores, consola os aflitos, ampara os fracos, cuida dos enfermos, faz sempre o melhor!

E quanto mais vida distribui, mais ela brota em seu espírito, estuante e gloriosa!

Vida em abundância!

Em Tomo de Uma Oração

Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz.

Onde haja ódio, consenti que eu semeie amor. Perdão, onde haja injúria.

Fé, onde haja dúvida.

Esperança, onde haja desespero.

Luz, onde haja escuridão.

Alegria, onde haja tristeza.

Oh! Divino Mestre!

Permiti que eu não procure tanto ser consolado, quanto consolar.

Ser compreendido, quanto compreender.

Ser amado, quanto amar.

Porque é dando que recebemos.

Perdoando que somos perdoados.

E é morrendo que nascemos para a Vida Eterna.

Certamente você conhece essa oração, leitor amigo!

Depois do *Pai Nosso*, essa rogativa de Francisco de Assis é a mais popular, obrigatória em qualquer antologia do sublime.

O missionário do Cristo sensibiliza e emociona.

Há mananciais inesgotáveis de espiritualidade em suas expressões impregnadas de divino magnetismo.

Nos momentos de angústia, ela é um refrigerio abençoado para nossas almas.

Raras pessoas, entretanto, percebem que a oração de Francisco de Assis transcende o mero conforto ou consolação que buscamos.

Trata-se, fundamentalmente, de uma orientação de vida, sob inspiração do Evangelho.

Oportuno, portanto, que nos detenhamos em suas afirmações, habilitando-nos a benefícios bem mais consistentes e duradouros.

Pede o santo de Assis, inicialmente:

Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz.

Seria interessante que indagássemos com frequência: “Sou um instrumento da paz?”

Em minha presença as pessoas sentem-se mais tranquilas, animadas e felizes?”

“Ou a paz se despede quando vou chegando?” Perguntei a uma senhora amiga sobre sua família.

|^{No} momento, muito bem! Estamos em paz! -afirmou *feliz*.

E, sorriso brejeiro, completou:

- Meu marido está viajando...

Seu *companheiro é um* espantalho da paz.

Quando está em casa, salve-se quem puder!

Não dá sossego a ninguém.

A primeira reflexão, portanto, em torno da prece de Francisco de Assis, sugere que analisemos nossa vida e verifiquemos, cuidadosamente:

Sustentamos a paz ou impomos a agitação?

Onde houver ódio que eu semeie o Amor.

Mahatma Gandhi dizia que alguém capaz de realizar a plenitude do amor neutralizará o ódio de milhões.

Ele mesmo o fez, conseguindo que a Índia se libertasse do jugo inglês sem banhos de sangue, com sua filosofia da resistência pacífica e da não-violência, superando seculares ressentimentos dos indianos contra seus dominadores.

Certamente estamos distanciados de suas realizações.

Não obstante, podemos promover a paz, evitando que mágoas fermentem no coração alheio e se transformem nesse sentimento desajustante que é o ódio.

Há uma fórmula para isso:

A profilaxia dos contrários.

Certa feita, funcionário de uma grande empresa estava furioso com o gerente, que frequentemente o transferia de setor. Certamente estava a pressioná-lo para que se demitisse. Cogitava disso quando um colega, um semeador da paz, disse-lhe.

- Está enganado quanto ao nosso chefe, meu amigo. Ele o admira muito, sabe que é eficiente e digno de confiança. Por isso o tem encaminhado para setores onde há problemas, consciente de que pode resolvê-los.

Sua intervenção pacificou o companheiro que passou a ver com simpatia as iniciativas do gerente a seu respeito.

A profilaxia dos contrários é infalível.

Desarmamos a pessoa que fala mal de alguém passando a ideia de que o desafeto não tem a mesma opinião a seu respeito.

Perdão, onde haja injúria.

Diz a esposa sofredora:

- Meu marido me abandonou por outra mulher. Não me conformo! A vida ficou complicada, não tem mais graça... Estou muito infeliz!

Diz o semeador da paz:

- A mágoa é como um espinho cravado no peito. Machuca, dói, incomoda... Perdoe para libertar-se. Esqueça... Siga o seu caminho.

Segundo alguns exegetas, nos textos evangélicos em grego, perdoar é sinônimo de desligar.

Exatamente o que ocorre conosco quando perdoamos.

Desligamo-nos da mágoa, do ressentimento...

Livramo-nos da intranquilidade.

Tiramos o espinho de nosso peito.

No *atendimento fraterno*, num Centro Espírita, a voluntária consolava sofrida mulher, cujo filho falecera vitimado por mal súbito.

- Confie em Deus, minha irmã. Considere que nada ocorre sem Seu consentimento. Quando manifestamos submissão à Sua Vontade tudo fica mais fácil.

A mulher não se conformava:

1 Você fala assim porque não sabe o que é perder um filho na flor da idade, estudante de medicina, futuro brilhante! Alguém que resumia minhas mais caras esperanças! Não dá para aceitar!

- Sei sim, minha amiga. Passei por experiência semelhante. Meus dois filhos faleceram num acidente. A certeza de que apenas transferiram residência para além-túmulo é o meu alento. Sei, também, que nossos amados sofrem com nossa inconformação e que ficam felizes quando cultuamos sua memória exercitando coragem e o bom ânimo. O consolo maior é saber que estão por perto.

- Você costuma sentir a presença deles?!

-Sim, freqüentemente.

- Como faz para receber essa dádiva?

- Sempre acontece quando me disponho a servir.

Reclama o favelado.

- Não há por que viver! Minha vida é um tormento. Minha mulher está doente. Eu, desempregado. Os filhos passam fome...

Afirma o semeador de esperança.

- Trouxe alimentos para seus filhos e remédio para sua esposa. Ajudarei você a conseguir emprego. Coragem! Com a ajuda de Deus e o nosso empenho tudo há de melhorar!

Luz, onde haja escuridão.

Diz o doente:

- Oh! Meu Deus, como é triste a solidão do leito, sem amigos, sem familiares... Apenas as dores, a tristeza... É tudo tão sombrio, tão triste!

Diz o semeador de luz:

- Vim lhe fazer companhia e dizer que você não está só. Busquemos juntos as claridades do Evangelho, o consolo das lições de Jesus, a luz da oração...

Alegria, onde haja tristeza.

No movimento espírita tivemos alguém que não obstante a provação que lhe impunha dolorosas limitações, era um maravilhoso semeador de alegria:

Jerônimo Mendonça.

Vítima de grave problema de saúde, ficou totalmente imobilizado, sem movimento num só dedo dos pés ou das mãos, e cego.

Viveu várias décadas assim.

Não obstante, nunca desanimou, nem se entregou ao desalento.

Embora preso ao leito, mergulhado em escuridão, jamais deixou de se comunicar com as pessoas.

Viajava, consolava, confortava, revelava uma tamanha coragem, inspirado nos princípios espíritas e nos ensinamentos de Jesus, que muitas pessoas se converteram a partir de seus exemplos.

Tinha dois dons maravilhosos:

- Jamais se melindrava.
- Ria das próprias limitações.

Enquanto detinha a visão, nos primeiros tempos da doença, ia ao cinema.

O leito ficava num dos corredores.

Certa feita, após o início da sessão, entrou uma jovem.

Apressada, em plena escuridão tropeçou na improvisada poltrona.

Irritada, bradou:

| Diabo de aleijado! Se vou na praça ele está lá! Vou a uma festa e ele está lá! No campo de futebol, está o aleijado! Até no cinema esse enxerido me persegue!

E Jerônimo:

- Também, pudera! Você não para em casa!

Pessoas que conviviam com Jerônimo concluíam:

O Espiritismo deve ser espantosamente belo e estimulante, sustentando nesse homem tão grande disposição para enfrentar a adversidade com otimismo e bom humor

E assim mesmo.

Quando nos dispomos a seguir firmes e confiantes em Deus, não obstante dores e atribulações, influenciados irresistivelmente as pessoas que nos rodeiam, tanto quanto os descrentes e revoltados semeiam a descrença e a revolta.

Os que se doam incessantemente, amando e servindo o semelhante, aprenderam com Francisco de Assis que:

E dando que recebemos.

Perdoando que somos perdoados.

A afirmação final merece atenção.

E preciso “matar” o homem velho, eivado de paixões, para que nasça o homem novo a que se referia o apóstolo Paulo.

Um ser especial que tem no Evangelho o seu guia, o seu alento, a sua felicidade.

E assim que nasceremos para a vida eterna, isto é, nos livraremos das reencarnações expiatórias, habilitando-nos aos planos mais altos do infinito, onde há vida em plenitude, sem acesso para a morte.

O Endereço de Deus

Imaginemos que um gênio das *Mil e uma Noites* lhe concedesse a satisfação de três desejos, amigo leitor.

O que você pediria?

Certamente o conhecimento da Doutrina Espírita, luz abençoada de Deus em nosso caminho, inspirar-lhe-ia nobre roteiro de realizações.

Mas o homem comum, de visão limitada pela ignorância dos valores espirituais, coração sintonizado com o imediatismo terrestre, certamente optaria por *riqueza, saúde, fama, poder, prazer, bem-estar...*

Geralmente as pessoas almejam uma existência sem sobressaltos, nem problemas, com tanta "sombra e água fresca" quanto possível, pois, afinal, "ninguém é de ferro"...

No entanto, se nos concedessem a mesma possibilidade de escolha nos tempos em que vagávamos pelo Continente Espiritual, às vésperas da presente existência, certamente seria diferente.

Em *Ação e Reação*, de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, deparamos com ilustrativa experiência envolvendo Druso, dedicado orientador de uma instituição socorrista do Mundo Espiritual.

Prestes a reencarnar, dirige-se a Jesus, em comovente oração, destacando, em dado momento:

E agora, Senhor, que a esfera dos homens me descerrará as portas, acompanha-me, por acréscimo de misericórdia, com a graça da tua bênção.

Não permitas que o reconforto do mundo me faça esquecer-te e constrange-me ao convívio da humildade para que o orgulho me não sufoque.

Dá-me a luta edificante por mestra do meu resgate e não retires o teu olhar de sobre os meus passos, ainda que, para isso, deva ser o sofrimento constante a marca de meus dias.

Não raro, mesmo beneficiados pelo conhecimento espírita, enfrentamos um problema "ótico" na apreciação da jornada humana.

Imaginamos que as situações problemáticas e angustiantes são cobranças cármicas, relacionadas com débitos do pretérito.

Não percebemos que se situam muito mais por abençoados estímulos, a fim de que não nos acomodemos, nem nos transviemos.

Fácil observar que nossas preces mais sentidas, nossos anseios mais nobres, sustentam-se nos convincentes apelos da mestra Dor.

Lutas e dificuldades do cotidiano inibem nossas tendências viciosas.

Conversei, certa feita, com um companheiro espírita, desses que chegam cheios de boas intenções e logo se afastam, dispensando explicações.

I Então, meu caro, por onde anda? Algum problema em nossa casa ou com você e a esposa? Ambos sumiram sem aviso...

- Não, Richard, não houve nada de grave. Estamos muito bem. Talvez seja esse o problema... Como sabe, quando nos casamos, a vida era difícil. Eu ainda estudava. Ganhava o sustento em emprego precário, ajudado pela esposa que vendia roupas. Logo vieram dois filhos, o primeiro com problemas de saúde. Orçamento apertado, tudo controlado. Nada de gastos supérfluos, passeios, festas ou badalações..

I Lembro bem... Economizavam até o passe de ônibus! Era uma boa caminhada até o Centro...

- Isso mesmo! Não obstante as dificuldades ou até por causa delas, encontrávamos tempo e inspiração para o cultivo dos valores espirituais. Orávamos em família, participávamos dos serviços assistenciais no fim de semana, comparecíamos às reuniões doutrinárias. Nossa vida tinha um sentido, um ideal a ser concretizado... Isso tudo nos dava muita força e abençoada tranquilidade.

Suspirou fundo e concluiu, melancólico:

- Depois as coisas melhoraram. Comecei a ganhar dinheiro num promissor empreendimento comercial; meu filho superou os problemas de saúde, mudamos para um bairro de classe abastada. Multiplicaram-se compromissos profissionais e sociais. Atividade intensa, sem espaço para as orações em família, o culto, a atividade espiritual... Prosperamos materialmente, mas, tanto eu quanto minha esposa sentimos que algo precioso, de valor inestimável, ficou perdido...

- Talvez um sentido para a existência, um objetivo...

Meu amigo suspirou:

- Exatamente! Ficou um vazio... Lembro uma expressão popular que define o assunto: *Éramos felizes e não sabíamos!*

Lamentavelmente, não obstante o desabafo, meu amigo ainda não encontrou tempo para retomar os ideais negligenciados.

Quando o caminho é fácil, esquecemos a bússola do discernimento.

Acabamos nos desviando dos roteiros celestes que, bem sabemos, estão perfeitamente delineados nas lições de Jesus, reverenciado por Kardec no comentário à questão número 625 de *O Livro dos Espíritos*:

Para o homem, Jesus constitui o tipo de perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra.

Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo ele o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o espírito divino o animava.

Raros se dispõem a repetir a súplica de Druso, esquecidos de Jesus e do significado de sua missão.

Mas estejamos certos de que Jesus não se esquece de nós, permitindo que venham dores, lutas e dificuldades em nosso caminho.

Abençoado propósito inspira o Mestre Supremo:

Evitar que esqueçamos o endereço de Deus.

O Sábio e o Pássaro

Conta-se que certa feita um jovem maldoso e inconsequente resolveu pregar uma peça em idoso e experiente mestre, famoso por sua sabedoria.

- Quero ver se esse velho é realmente sábio, como dizem. Vou esconder um passarinho em minhas mãos. Depois, em presença de seus discípulos, vou perguntar-lhe se está vivo ou morto. Se responder que está vivo, eu o esmagarei e o apresentarei morto. Se afirmar que está morto, abrirei a mão e o pássaro voará.

Realmente, uma armadilha infalível.

Aos olhos de quem presenciasse o encontro, qualquer que fosse sua resposta, o sábio ficaria desmoralizado.

E lá se foi o jovem mal-intencionado, com sua artimanha perfeita.

Diante do ancião acompanhado dos aprendizes, fez a pergunta fatal:

- Mestre, este passarinho que tenho preso em minhas mãos, está vivo ou morto?

O sábio olhou bem fundo em seus olhos, como se perscrutasse os recônditos de sua alma, e respondeu:

mãos.

Esta história pode ser sugestivo exemplo da perversidade que não vacila em esmagar inocentes para conseguir seus objetivos.

Será, também, uma demonstração das excelências da sabedoria, a sobrepor-se aos ardis da desonestidade.

E, sobretudo, uma ilustração perfeita sobre os mistérios do destino.

Consideram muitos que tudo acontece pela vontade de Deus, mesmo a doença, a miséria, a ignorância, o infortúnio...

Trata-se da mais flagrante injustiça que cometemos contra o Criador, o pai de infinito amor e bondade revelado por Jesus.

A Vida g dádiva divina, mas a qualidade de vida será sempre fruto das ações humanas.

Segundo os textos bíblicos, fomos criados à *imagem* e semelhança de Deus.

Filhos do Senhor Supremo, o que caracteriza nossa *condição* é o poder criador, que exercitamos usando *prodigioso* instrumento - a vontade, a moldar nosso destino e *interferir no destino* alheio.

Há os que não vacilam em esmagar a Vida para alcançar seus objetivos, envolvendo-se com a ambição e a usura, a agressividade e a violência, a mentira e a desonestidade, o vício e o crime...

E há os que libertam a Vida, estimulando-a a ganhar as alturas, mãos abertas para a solidariedade.

Entre essas duas minorias, que se situam nos extremos, temos a maioria que não é má, mas não assume compromisso com o Bem.

Por isso, o mal no Mundo está muito mais relacionado com a omissão silenciosa dos que se acreditam bons, mas não desenvolvem nenhum esforço para evitar que os maus façam barulho.

Isso está bem claro na questão 931, de *O Livro dos Espíritos*:

Por que, no Mundo, tão amiúde, a influência dos maus sobrepuja a dos bons?

Observe, leitor amigo, o alcance da resposta, uma das mais contundentes da Codificação:

Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quanto estes o quiserem, preponderarão.

Poderíamos acrescentar que a omissão dos bons favorece ainda que as pessoas se envolvam com o mal, porque ninguém as ajuda, nem ampara, nem orienta, nem as atende em suas carências e necessidades.

Algum progresso tem sido alcançado.

Fala-se muito, na atualidade, sobre cidadania.

Ser cidadão é estarmos conscientes de nossos direitos.

E lutarmos por eles, a partir dos elementares direitos à saúde, à educação, à habitação e, sobretudo, o inalienável direito à vida.

E um passo importante.

Podemos melhorar as condições de vida de uma sociedade, trabalhando pelos direitos humanos.

Mas há outro passo, bem mais importante:

Assumir deveres.

Destaque-se o dever básico:

Exercitar a solidariedade.

Jesus deixa isso bem claro ao recomendar que nos amemos uns aos outros e ao proclamar que devemos fazer *pelo próximo* o bem que desejaríamos receber dele, se sofrêssemos suas carências.

A mão que liberta o homem da doença, da miséria, da ignorância, do infortúnio, para que a Vida ganhe as alturas, deve ser a filosofia de trabalho de todas as pessoas que desejam contribuir em favor de um mundo melhor.

A Doutrina Espírita deixa bem claro que não podemos nos omitir diante das misérias humanas.

E preciso fazer algo pelo semelhante.

O destino de nossa sociedade é o somatório de nossas ações.

Não se faz uma sociedade boa se, a par do exercício de cidadania, não houver o cultivo da solidariedade.

E aqueles que participam, que se dedicam a esse mister, logo fazem descobertas maravilhosas.

No empenho de ajudar o próximo, libertam-se das angústias que afligem o homem comum, preso ao egoísmo.

Ajudando alguém a erguer-se de suas misérias, pairam acima das inquietações humanas.

Contribuindo para clarear sendas alheias, iluminam o próprio caminho.

Estimulando ao bem seus irmãos, com a força do exemplo, percebem, deslumbrados, que encontraram sua gloriosa destinação.

A Convivência Perfeita

Mário Vicente era vitrado na ideia das famílias espirituais, que se sobrepõem às precárias ligações sanguíneas.

— Pois é - dizia, entusiasmado, a um confrade espírita -, os Espíritos tendem a formar grupos afins nos caminhos da vida.

- Reencarnam juntos?

- Sim, sempre que possível, compondo lares ajustados e harmônicos, “um por todos, todos por um”.

— Você vive com sua família espiritual?

Mário Vicente esboçou um sorriso triste.

- Quem me dera! Lá em casa nosso relacionamento funciona mais na base de “cada um por si e Deus por todos”. Estamos longe de um entendimento razoável. E muita discussão, muita briga... Somos velhos adversários amarrados pelo sangue, a fim de nos reconciliarmos.

- Recebeu alguma revelação?

- Não... nem seria preciso! Basta observar nossos conflitos.

- A barra é pesada?

- Bem... não é tanto assim. Gosto muito de minha mulher. Até pensei, durante os primeiros tempos, fosse uma alma gêmea. Ela é dedicada ao lar, mãe prestimosa. Ocorre que é um tanto voluntariosa e, não raro, agressiva.

Faz tempestade em copo d'água. Considero a Ernestina meu teste de paciência. Nossos “santos” estranham-se frequentemente.

- E os filhos?

- Adoro todos eles, mas são Espíritos imaturos que me dão trabalho e, não raro, desgostos. Pedro, o mais velho, envolveu-se com drogas! Júnior, o do meio, “aborrescente” típico, vive a me questionar; Jussara é delicada e sensível, mas puxou o gênio da mãe. Se contrariada, sai de perto! Um horror!

- São seus credores. Cobram prejuízos que você lhes causou em vidas anteriores...

- Certamente! Estou consciente desse compromisso. Tento fazer o melhor, sustentando a estabilidade do lar. No entanto, não é fácil. As vezes perco o controle. Envergonho-me das brigas em que me envolvo... Convenhamos, porém, que ninguém é de ferro!...

Mário Vicente suspirou, emocionado:

- Sinto falta de um relacionamento familiar sustentado por legítima afinidade. Todos olhando na mesma direção, empenhados em cultivar a paz, o trabalho no bem, a amizade, a compreensão... Seria o paraíso! Sinto-me como um retardatário, preso a compromissos decorrentes de besteiras que andei cometendo, purgando os débitos. Certamente aprontei muito!

- Espera alcançar a família espiritual?

- Claro! Quero cumprir minhas obrigações, fazendo o melhor... Hei de merecer um retorno ao convívio de meus queridos, em estágios mais altos...

Tenho convicção de que uma companheira muito amada espera por meu sucesso nas provas humanas, favorecendo abençoado reencontro.

Animado por seus sonhos, Mário Vicente esforçava-se por superar as dificuldades de relacionamento junto à esposa e filhos. Tolerava suas impertinências. Fazia de tudo para ajudá-los. Exercitava carinho e compreensão.

O cumprimento de seus deveres junto à família humana haveria de lhe proporcionar o sonhado reencontro com a família espiritual.

Passaram-se os anos.

Os filhos casaram, vieram netos, ampliou-se o grupo familiar, sucederam-se compromissos e problemas...

Nosso herói até que conseguiu sair-se relativamente bem, acumulando méritos.

Aos setenta e dois anos, retomou à Pátria Espiritual.

Espírita esclarecido, não teve dificuldade para reconhecer-se livre do escafandro de carne, amparado por generosos benfeitores.

Após os primeiros tempos, já adaptado | nova situação, procurou dedicado orientador da instituição socorrista que o abrigara.

Foi logo pedindo, inspirado pelo ideal que acalentava:

- Estimaria, se possível, receber notícias de minha família espiritual...
- Seus familiares estão bem, nas lutas de sempre, sofrendo e aprendendo, como todos os homens.
- **Estão reencarnados? Pensei que os encontraria aqui !**
- Você conviveu com eles... Não sabe que continuam na Terra?
- Não me refiro à família humana. Anseio abraçar os entes queridos de priscas eras, sobretudo a amada companheira perdida nas brumas do passado...

O mentor sorriu:

- Falou bonito, mas está equivocado, meu amigo. Sua família espiritual é aquela que lhe marcou a experiência na carne. Sua esposa é uma alma de eleição. Os filhos são antigos companheiros de jornada evolutiva. Desde remoto passado vocês vivem experiências em comum.
- Mas e os nossos problemas de relacionamento?
- Haveriam de experimentá-los mesmo que se transferissem para a esfera do Cristo. Como ensinava o Mestre, ainda há muita dureza no coração **humano**.
- Que devo fazer?
- Você julga-se um retardatário. Na verdade, não obstante suas limitações, está um pouco à frente do grupo familiar, ainda lento na aquisição de valores espirituais. Tem, portanto, o dever de ajudar. Foi essa a sua tarefa na última existência. Será esse o seu compromisso agora, exercitando a função de protetor espiritual junto aos seus.

1 Mário Vicente, que tanto ansiara por sua família espiritual, constatou que estivera com ela durante décadas, sem se dar conta disso.

Muita água rolaria no rio do tempo, até que todos ganhassem asas, habilitando-se à convivência perfeita.

Mais Frágil que Mau

Clorinda, Clô para os íntimos, preocupava-se com Ricardo, seu enteado de 10 anos.

Menino de boa índole, não fazia malcriações. Era quieto e obediente.

O problema é que se recusava a pronunciar seu nome. Pior, amigo leitor! Jamais se dirigia a ela diretamente! Nem *tu*, nem *você*, nem *senhora* !

O garoto evitava atender o telefone, porquanto havia sempre a possibilidade de ser para a madrasta. Complicado chamá-la sem pronunciar seu nome, nem expressão ou pronome de tratamento.

Nas raras oportunidades em que não conseguia fugir, aproximava-se e dava um jeito de postar-se diante dela, atraindo sua atenção. Então anunciava, afastando-se ligeiro:

-Telefone...

Se Clorinda estava conversando com alguém, complicava. Era preciso esperar uma pausa e que ela o fitasse.

Não raro, ela se fazia de desentendida, só para ver sua reação.

Ricardo ficava extremamente aflito. Com muito esforço vencida suas vacilações e se colocava entre ela e o interlocutor. Impossível não vê-lo.

Então, repetia:

-Telefone...

Embora fosse uma mulher compreensiva e tolerante, aquela situação começou a exasperá-la.

Qualquer manual de relações públicas recomenda que pronunciemos o nome das pessoas, se pretendemos boa comunicação, conquistando sua simpatia.

E o som mais agradável aos nossos ouvidos.

Certamente o leitor já experimentou a tortura de não lembrar o nome de alguém que o cumprimenta, efusivo, com a familiaridade de quem reencontra velho amigo.

Você responde reticente.

Conhece-o, mas, desgraçadamente, o nome está perdido em seus neurônios, não obstante evoque todos os santos em favor de providencial estalo na memória.

Pior quando o recém-chegado percebe seu constrangimento e cutuca:

— Já sei! Não está me reconhecendo!...

Certamente você desejará que o chão se abra debaixo de seus pés!

Imagine, portanto, como se sentia Clorinda naquela insólita situação - o enteado fugindo de pronunciar seu nome como o diabo da cruz, não por ignorância ou esquecimento, mas, certamente, para aborrecê-la.

Ela comentava o problema com o mando. Francis casara-se com ela em segundas núpcias. Ricardo era filho do primeiro matrimônio.

O comportamento do menino era estranhíssimo.

Sem saber o que fazer, resolveram consultar um psicólogo.

- É uma forma de hostilidade - explicou o profissional. - O menino não aceita que alguém substitua sua mãe. Não pronunciando seu nome é como se Clorinda não existisse.

Recomendou que tivessem paciência, sem solenizar a situação. Com o tempo a rejeição seria superada e tudo ficaria bem.

Meses se passaram.

O prognóstico não se consumou.

Clorinda sentia-se extremamente desconfortável.

Não guardava raiva ou mágoa de Ricardo.

Aborrecia-se por não conseguir ganhar a sua confiança, favorecendo melhor comunicação entre ambos.

Certa feita, numa reunião mediúnica, teve oportunidade de conversar com um mentor espiritual que a todos encantava com sua simplicidade e sabedoria.

A jovem expôs o problema.

Gostava do menino. Queria aproximar-se dele, mas sua hostilidade interpunha uma barreira intransponível.

O mentor sorriu:

- Está equivocada, minha filha. O menino não tem esse propósito. É apenas acanhamento. Ao serem apresentados ficou indeciso: como dirigir-se à madrasta? *Dona* ou *senhora* lhe pareceu muito formal; *você* ou *Clorinda* poderia ser encarado como desrespeito. A

dúvida tomou conta dele. Atormentou-se muito. Sem saber como agir, adotou a postura que a incomoda. Ele também não se sente bem, vítima da própria timidez.

Clorinda suspirou.

- Meu Deus! Tão simples, e a gente aqui procurando chifre em cabeça de cavalo! Pobre Ricardo! Como deve esquentar a cabeça por uma bobagem!

I Bobagem para o adulto. Para ele um “bicho-de-sete -cabeças”.

- E como devemos proceder?

- Defina para ele o que não consegue fazer por sua própria iniciativa - a forma de tratamento. Use de carinho e o problema será facilmente superado.

No dia seguinte, logo que Francis deixou o lar para o trabalho, Clorinda procurou o menino.

- Ricardo, posso lhe fazer uma pergunta boba?

- Claro.

- Como g meu nome?

O menino a fitou, vacilante.

Ela insistiu:

- Não sabe?

-Claro!... Sei, sim...

- Então diga!

- Clô...rin...da.

- Para você será apenas Clô. E assim que a família toda me chama. Tá bem? Simplesmente Clô!

Ricardo sorriu, aliviado:

-Clô...

- Repita.

-Clô!

— Outra vez!

— Clô! Clô! Clô! — dizia o menino, encantado.

A partir desse dia desapareceram os problemas de comunicação.

Clô era o nome que Ricardo mais pronunciava, aproximando-se da madrasta, em quem passou a ver segunda mãe.

Erros, faltas, tolices e desentendimentos estão presentes no relacionamento social, exprimindo muito mais fragilidade do que intenção maldosa.

E fácil entender.

Somos filhos de Deus, dotados de suas potencialidades e virtudes.

Intrinsecamente, portanto, temos a vocação para o bem.

Os desvios são próprios de nossa imaturidade.

Isso acontece com grande frequência no relacionamento social, profissional e, particularmente, familiar.

Quando nos compenetrarmos disso, fica mais fácil perdoar as faltas alheias.

Melhor ainda, quando tomamos a iniciativa.

As vezes, uma simples palavra é suficiente para desfazer grandes equívocos, favorecendo uma convivência fraterna.

O comentário edificante, o gesto de carinho, o exercício da compreensão, a disposição de ouvir, removem

todas as barreiras que impedem a comunicação.

Assim, ajudando as pessoas a vencer suas limitações, estaremos contribuindo para que prevaleça o Bem.

Não será difícil, se guardarmos sempre a consciência de algo muito importante, que o Espírito Humberto de Campos coloca nos lábios de Jesus, no livro *Boa Nova*, psicografia de Francisco Cândido Xavier:

O ser humano é mais frágil do que perverso.

Os Espíritos e a Copa

Em plena efervescência da Copa da França, um amigo me perguntou se não seria interessante um movimento de orações, pedindo aos Espíritos em favor de mais uma conquista para o Brasil.

Argumentava que seria uma forma de alegrar um pouco nossa sofrida gente.

- Os guias bem poderiam ajudar - suspirou -, dando-nos uma colher de chá!

Respondi que se houvesse uma ação dessa natureza por parte da Espiritualidade - tendo por parâmetro a carência de recursos, a pobreza, a fome... — os grandes candidatos seriam Camarões, Marrocos, Nigéria ou Tunísia, países africanos em situação bem mais precária.

No seio de todas as culturas há o hábito de evocar-se poderes espirituais em favor dos interesses imediatistas.

Geralmente é usado o fetiche, objeto ou ação com poderes mágicos, que nos garantam essa assistência, sustentando-nos a segurança, o bem-estar e a concretização de determinadas aspirações.

Um antigo dirigente de futebol, nos jogos decisivos usava sempre o mesmo terno, convicto de que era fundamental para a vitória de seu time.

Em plena Copa do Mundo, há alguns anos, um adolescente foi ao banheiro de sua casa, durante um jogo do Brasil. Quando deu a descarga no vaso sanitário, a equipe brasileira marcou um gol.

Depois disso, sempre que o jogo estava difícil, o pai recomendava:

- Vá para o banheiro, menino!

Imaginava ter encontrado desconhecido e poderoso sortilégio metafísico, a estabelecer conexão entre a descarga e o gol.

Há quem imagine que os Espíritos interferem no resultado de uma competição, determinando que o goleiro faça uma defesa milagrosa ou que o atacante marque um gol impossível, o chamado *gol espírita*, tão incrível que só pode ser obra de gênios do Além.

Trata-se de um equívoco.

Os Espíritos podem nos influenciar, inspirando idéias, mas não têm condições para determinar a direção de uma bola ou sugerir ao goleiro que pule no canto certo, na cobrança de um pênalti, porquanto, na dinâmica da disputa, tudo se processa muito rápido.

Aliás, uma das características do bom jogador é a capacidade de pensar depressa, tomando iniciativas que surpreendam o adversário, algo difícil de acontecer como decorrência de um monitoramento espiritual.

Desde que o campeonato mundial de futebol foi instituído, em 1930, venceram o Uruguai, a Argentina, a

Inglaterra, o Brasil, a Itália, a Alemanha e a França.

Por que esses países?

Será porque os Espíritos os ajudam?

Por que não ajudam outras nações?

Haverá preferências além-túmulo?

Na verdade, eles se destacam pela simples razão de que neles o futebol é um esporte nacional, com milhões de praticantes.

Até por uma questão de seleção natural, quanto mais gente praticando determinada atividade, maiores as possibilidades de formar-se uma grande representação nacional.

O Brasil detém a hegemonia porque, além da preferência popular, há a habilidade natural do brasileiro para atividades com os pés.

Exemplos marcantes - o samba, a capoeira e, sobretudo, o futebol.

Os Estados Unidos predominam no basquete e no beisebol, porque esses esportes detêm a preferência do povo, com milhões de aficionados.

A Rússia domina o xadrez, pela mesma razão.

Um aspecto interessante:

Há atletas que parecem destinados a brilhar em determinado esporte, a partir da própria fisiologia.

Certa feita, numa excursão da seleção brasileira, Pelé foi examinado por uma equipe médica, na Itália. Constatou-se que tem um corpo perfeito para o futebol.

No jogo contra a Itália, na Copa de 1970, o Brasil venceu por 3 a 1. Em dado momento, Pelé estava com a bola, nas proximidades da área adversária, inesperadamente empurrou a bola no vazio, à sua direita. Para surpresa e desespero dos italianos, surgiu inesperadamente, vindo de trás, o lateral Carlos Alberto que, num violento chute marcou o quarto gol do Brasil, liquidando a partida.

Incrível! Como Pelé percebeu a presença do lateral? Simplesmente porque é dotado de acurada e rara visão lateral.

Acima de mero acidente biológico, sua adequação ao futebol exprime, certamente, um planejamento reencarnatório.

Pelé situa-se como um Espírito engajado no combate ao racismo. Veio para demonstrar que o valor de um homem não está na cor da pele, na posição social, mas em sua capacidade de realização, na atividade em que se integra.

No disputadíssimo campeonato americano de basquete, predominam os negros, destacando-se o fenomenal Michael Jordan. E o Pelé do basquete que, juntamente com dezenas de irmãos de raça, questionam, com sua habilidade e competência, a discriminação racial nos Estados Unidos, sustentada pela anacrônica pretensão de superioridade da raça branca.

Um detalhe importante em relação ao sucesso individual diz respeito à disciplina, ao esforço de auto-aprimoramento físico e técnico.

Oscar, o maior jogador de basquete do Brasil em todos os tempos, faz arremessos tão certos, com tão alto índice de aproveitamento, que é chamado “mão santa”.

Haverá algum protetor espiritual fazendo santa a sua mão?

Negativo!

E fruto de esforço, muito esforço!

Durante as competições, além dos treinos normais, Oscar faz centenas de arremessos diariamente. Fica horas na quadra!

Dá a sua eficiência.

O mesmo acontece com jogadores de futebol que se destacam nas cobranças de faltas. Treinam muito.

Costuma-se dizer que o gênio é a paciência que não acaba.

É assim em todos os setores.

Quem mais se empenha, tem melhores chances.

Podemos ajudar com orações uma equipe, em qualquer modalidade esportiva, no sentido de favorecer um ambiente saudável e a estabilidade psíquica, algo muito importante numa competição. Mas o peso maior será sempre o da competência, envolvendo habilidade individual, preparo físico e treinamento.

Quando o Brasil ganhou a copa em 1970, no México, os jogadores costumavam orar juntos, com a consciência de que deviam pedir ajuda, não para ganhar os jogos, porque isso seria pretender que Deus tivesse preferências, mas para que estivessem bem emocionalmente e evitassem contusões.

Ajudou muito.

**◆

Trazendo esses conceitos para nossa vida de relação, podemos dizer que nos situamos na Terra como atletas a disputar uma competição contra nossas próprias imperfeições, em busca de estágios mais altos de espiritualidade.

Sofremos a influência dos Espíritos tanto para o bem quanto para o mal, inspirando-nos acertos ou desacertos, mas sempre de conformidade com o rumo que estejamos imprimindo à nossa vida.

Se nos conservamos saudáveis, física e psiquicamente, conscientes do que nos compete, temos grande chance de alcançar nossos objetivos, envolvendo escola, profissão, família...

Poderemos sofrer influências espirituais negativas, mas elas somente nos envolverão na medida exata de nossas tendências, do rumo que imprimamos às nossas iniciativas.

Então, não podemos dizer que não fomos bem na atividade profissional, que não deu certo o relacionamento, que não superamos a doença, que não conseguimos o que desejávamos, porque os Espíritos atrapalharam.

O que atrapalha é a nossa falta de empenho e perseverança em relação aos nossos objetivos, em busca do melhor.

Há quem reclame do chamado *malfeito*, sortilégio aplicado por gente que deseja sua infelicidade, evocando para isso influências espirituais negativas.

E possível que haja essa pressão, mas nossos fracassos não são decorrentes dela, mas do fato de não nos prepararmos devidamente para enfrentar os desafios da vida.

Um velho ditado diz:

Praga de urubu não mata cavalo gordo.

E acertadíssimo!

A assimilação de influências boas ou más subordina-se à sintonia.

Se estivermos bem, nenhuma influência negativa nos atingirá.

Por isso, jamais poderemos culpar alguém ou os Espíritos.

Somos herdeiros de nossas próprias ações e tendências.

Por outro lado, é importante saber que os bons Espíritos procuram nos ajudar, atendendo nossas orações, dando-nos condições para enfrentarmos nossas dificuldades e resolvermos nossos problemas.

Podemos e devemos confiar neles.

Imperioso, contudo, estarmos atentos aos seus sinais, observando suas indicações.

É ilustrativa a história daquele homem no topo de um telhado, em plena enchente.

As *águas* subiam sempre, mas ele orava fervoroso, animado pela ideia de que Deus o *salvaria*.

Passou um barco recolhendo pessoas. Ele permaneceu no telhado.

- *Obrigado! Não será preciso. Jesus me salvará!*

As águas subindo...

Passou uma lancha:

- *Obrigado!* Não será preciso. Jesus me salvará!

As águas subindo...

Passou um *helicóptero*. Jogaram a *escada de corda*.

E ele reafirmou, aos gritos.

- *Obrigado*. Não será preciso. Jesus me salvará!

As águas *continuaram* a subir, cobriram o telhado, e o infeliz, *que não* sabia nadar, foi engolido pelas águas.

No Além, *diante de* Jesus, reclamou:

- Senhor, *confiei* tanto em sua ajuda e *não a recebi* ! acabei me afogando...

Jesus sorriu:

- Você está equivocado. Mandei até um helicóptero para *recolhê-lo!*

Há também a *história daquele homem que vivia pedindo a Deus a dádiva de ganhar* na loteria.

Nunca ganhava, mas insistia sempre.

Um dia, Deus apareceu-lhe.

Reclamou sentir-se abandonado. O Senhor não o atendia.

- Meu filho, até posso ajudá-lo ganhar, mas para isso é preciso uma providência elementar: compre um bilhete!

Ele queria ganhar sem jogar!

Equivale a querer sucesso, uma vida melhor, como fruto de dádivas divinas, sem empenho de nossa parte.

Você certamente já ouviu, dizer, leitor amigo que:

Deus ajuda quem cedo madruga!

E exatamente assim.

Portanto:

Se fizermos nossa parte...

Se buscarmos o aprimoramento moral e intelectual...

Se revelarmos dedicação na atividade profissional...

Se cultivarmos o otimismo e o bom ânimo...

Se exercitarmos a oração e a reflexão...

Se desenvolvermos o esforço do Bem...

Se tudo isso fizermos, confiantes em Deus, estaremos habilitados ao contato com os bons Espíritos que nos ajudarão na realização de nossos anseios de felicidade e paz.

Depende de nós!

A Invasão dos Bárbaros

Conversávamos à saída de um Centro Espírita, em São Paulo, por volta de dezesseis horas, após concorrida reunião de estudos.

Em dado momento, um motoqueiro parou ao nosso lado.

Percebi que os companheiros assustaram-se. Suspiraram aliviados quando o motoqueiro simplesmente pediu uma informação e partiu.

Fiquei sabendo, então, que o pessoal da pesada costuma assaltar de motoca, versão moderna dos filmes de *bang-bang*, em que pistoleiros montavam resfolegantes corcéis.

A conversa voltou-se para a neurose que há nas cidades grandes.

Tomou-se lugar-comum dizer que os bandidos estão soltos, enquanto a população vive trancada em fortalezas domésticas, repletas de grades e dispositivos de segurança.

Geralmente associamos o problema | miséria, considerando que populações marginalizadas e esquecidas apelam para a violência como opção de sobrevivência.

Esse é um dos aspectos do problema, porquanto a violência é um fenômeno universal, presente mesmo em países como os Estados Unidos, onde a população carente é reduzida e bem amparada.

Por outro lado, há muitos moradores de favelas passando por privações amargas e nem por isso resvalam para uma vida de crimes.

E gente humilde que enfrenta com dignidade, disposição e fortaleza de ânimo as agruras da pobreza.

O que parece evidente, nestes tempos de transição, em que a população mundial aproxima-se dos seis bilhões de habitantes, é que estamos sofrendo, à semelhança do que ocorreu no passado com o Império Romano, uma invasão de bárbaros.

A diferença é que no pretérito estas hordas tinham uma conformação étnica, situando-se por hunos, visi-*godos*, *vândalos*...

Os bárbaros *de hoje* surgem das entranhas de nossa própria sociedade, a partir do processo reencarnatório.

Aguardam apenas o tempo certo, a idade adequada, a partir da adolescência, para iniciarem suas estripulias.

Se os *fluxos* migratórios do continente espiritual para o *mundo físico*, envolvendo multidões *de* Espíritos, *obedecem* à direção do planeta, confiada a Jesus, segundo nos *informa* Emmanuel, pela psicografia de Francisco *Cândido Xavier*, fica a pergunta:

Por que foram abertas as porteiras do Umbral, despejando sobre o piano físico multidões desvairadas, cuja característica principal é a agressividade e o desrespeito pela vida humana?

Diríamos que estamos diante de uma contingência evolutiva.

O crescimento da população oferece a inteligências primitivas a oportunidade de um contato com as agruras da vida física, qual lixa grossa a desbastar suas imperfeições mais grosseiras, ao mesmo tempo em que sua presença perturbadora impõe às coletividades terrestres uma reavaliação de suas motivações existenciais.

O leitor, por certo, estará tentando descobrir onde quero chegar e o que temos a ver com os marginais que transitam por aqui, exercitando irresponsabilidade.

Consideremos, em princípio, o comportamento do homem comum.

Calcula-se que nas férias escolares, perto de quinze milhões de brasileiros buscam descanso nas praias.

Os fins de semana são marcados por multidões que procuram “sombra e água fresca” para cultivar a felicidade de não fazer absolutamente nada, dando tratos à fantasia, sob o embalo da indiferença que sempre sugere perigosas incursões no vício e na inconsequência.

Não há por que censurar o descanso, o lazer, a viagem, a rede...

O problema é que isso tudo que deveria ser parte da vida, costuma tomar-se a finalidade dela, sob inspiração do velho egoísmo humano.

Resultado:

Prevalece a ideia de que todos os problemas que envolvem o país e a comunidade devem ser resolvidos pelo Governo, ao qual compete educar o ignorante, conter o agressivo, castigar o criminoso, sustentar o desempregado, promover o progresso, realizar nossos sonhos de prosperidade!

Não nos demos conta de algo elementar:

O Governo é apenas uma representação da sociedade.'

Pouco poderá fazer se a população não se engajar decididamente nas iniciativas que visam promover o bem-estar social.

A decantada civilização cristianizada do Terceiro Milênio não será implantada por decreto celeste.

Inútil esperar por ela, enquanto as coletividades terrestres não operarem fundamental mudança de comportamento, partindo do egoísmo para o altruísmo, dos interesses pessoais para as necessidades coletivas, das realizações efêmeras do individualismo exacerbado para as gloriosas construções do amor fraterno.

O confronto atual com Espíritos encarnados ainda

presos ao primitivismo não seria necessário, se ao longo dos dois milênios que marcaram o advento do Cristianismo os homens houvessem aprendido as lições fundamentais de Jesus, exercitando o serviço do Bem e educando seus irmãos em Humanidade, com a força do exemplo.

Imaginemos uma mobilização de toda a população produtiva de uma comunidade, envolvendo a classe média e abastada, a oferecer de seus recursos, de seu tempo, de seu trabalho...

Não haveria problemas insolúveis.

A própria subnutrição que aflige milhões de brasileiros, não é simples fruto de uma má distribuição dos bens da produção, de leis injustas criadas por minorias ambiciosas, como pretendem os socialistas de plantão.

Ela é sustentada muito mais pela omissão de considerável parcela da população que poderia algo fazer, mas simplesmente prefere fechar os olhos, transitando sem traumas e sem constrangimentos entre necessitados e sofredores de todos os matizes, em absoluta indiferença.

Ingenuidade falar-se em justiça social ao peso de mudanças estruturais, leis ou regimes, num mundo orientado pelo supremo gerador de injustiças que é o egoísmo, a tendência de *cada um por si e o resto que se dane!*.

Eleitos que habitarão a Terra, após o expurgo final, perguntarão, perplexos, debruçando-se sobre nossa civilização:

- Será que não sabiam? Não tinham consciência de que jamais haveria paz e bem-estar na Terra, enquanto a legítima fraternidade não estabelecesse perfeita comunhão entre os homens, a fim de que bens e males compartilhados espontaneamente tornassem suaves todas as dores e completas todas as alegrias, no caminho da redenção humana?

Raras pessoas se dispõem a essa “guinada” existencial.

Considere, entretanto, um importante detalhe, leitor amigo:

Você, como eu ou qualquer pessoa medianamente informada, não pode adiar esse esforço.

Nossa omissão nos será cobrada, por uma razão muito simples:

O conhecimento da Verdade implica em compromisso com ela!

Chamados ao esforço pela construção de uma sociedade solidária, não há justificativa para o acomodamento, sob embalo da indiferença.

Partindo do princípio evangélico de que muito será pedido àquele que muito recebeu, nós, espíritas, estaremos sempre em débito com a Doutrina, ante a gloriosa visão de realidade que ela nos oferece,

mostrando-nos de onde viemos, para onde vamos e, sobretudo, o que nos compete fazer.

Quando Kardec desfraldou a bandeira da Caridade, proclamando que sem ela não há salvação, não enunciou nenhum princípio escatológico relacionado com suposto julgamento divino.

Simplesmente demonstrava que sem a ação em favor do semelhante, em todos os setores da atividade humana, no lar, na sociedade, na profissão, no círculo religioso, jamais nos livraremos dos males que afligem a Humanidade.

- *Acaso serei tutor de meu irmão?* - pergunta Caim ao Senhor, no texto bíblico, pretendendo furtar-se | responsabilidade pelo assassinato de Abel.

Implicitamente essa afirmação negativa está presente em nosso comportamento quando, com nossa omissão, aniquilamos esperanças, sedimentamos o desespero e favorecemos a agressividade em multidões que ainda não despertaram para as responsabilidades da Vida, nem conhecem os princípios de Justiça e Amor que regem o Universo.

O Fim do Mundo

As experiências com bombas atômicas, levadas a efeito periodicamente por países que desrespeitam os acordos internacionais de não proliferação de arsenais nucleares, sustentam o fantasma do fim do Mundo.

Durante a chamada *Guerra Fria*, em que os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a hegemonia mundial, temia-se que uma corrida armamentista, envolvendo artefatos atômicos, pudesse desembocar num conflito bélico sem precedentes que, literalmente, atearia fogo na Terra, aniquilando a Humanidade,

Com a derrocada da União Soviética e o desmoronamento do regime comunista, parecia afastada essa trágica perspectiva.

O Mundo poderia suspirar, aliviado.

Ledo engano, leitor amigo.

O perigo ainda existe. Talvez até mais ameaçador. Enquanto as duas potências disputavam a olimpíada da morte, acumulando ogivas atômicas com poder de fogo para varrer a vida da face da Terra, a situação permanecia sob rigoroso controle.

Estavam conscientes seus líderes de que não haveria vencedores num conflito dessa natureza.

Agora é diferente.

Países pobres em litígio, recusando-se a qualquer acordo, insistem em realizar experiências com explosões nucleares, numa bravata de auto-afirmação que não descarta a hipótese de que poderão resolver suas pendências apelando para armas atômicas, como insinuem.

Usam cartas perigosas no jogo dos interesses nacionais.

Na China, que há décadas possui a bomba atômica, existem políticos simpáticos à ideia sinistra de Mao-Tse-Tung, o dirigente de triste memória, que proclamava ser interessante um conflito nuclear generalizado.

Num raciocínio delirante, imaginava que se centenas de milhões de chineses morressem, restaria outro tanto para dominar a Terra.

Nações de tendência belicosa, particularmente no Oriente Médio, possuem ou estão em vias de possuir bombas atômicas, dispondo-se a usá-las para resolver pendências com países vizinhos.

O pior está por vir.

Em face do desenvolvimento tecnológico, hoje é menos complicado produzir artefatos nucleares.

Em breve, teremos grupos terroristas dispostos a explodir bombas atômicas em cidades populosas, com a mesma tranquilidade que o fazem com petardos menos devastadores, em locais de grande concentração de pessoas, como centros de compras e supermercados.

O problema maior de um conflito nuclear, ainda que localizado, envolvendo algumas nações ou atos terroristas, é o chamado inverno nuclear.

Trata-se de dramático esfriamento da Terra, a partir de nuvens de poeira levantadas pelas bombas atômicas, que neutralizariam os raios solares. Isso resultaria numa escuridão marcada pelo frio intenso, capaz de aniquilar a vida humana.

Gente treloucada, dominada por impulsos primitivos, não terá dúvidas em provocar essa tragédia, confirmando as piores previsões apocalípticas de profetas como o evangelista João e o astrólogo Nostradamus.

No livro *A Caminho da Luz*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito Emmanuel reporta-se à existência de um planeta habitado no sistema de Capela, estrela da constelação do Cocheiro.

Há perto de dez mil anos seus habitantes situavam-se num estágio evolutivo semelhante à atualidade terrestre .

A população vinha obtendo grandes avanços no campo social, com amplo desenvolvimento tecnológico e cultural, e a consolidação de valores espirituais.

Entretanto, minoria barulhenta e belicosa sustentava um clima de conturbação e dificultava a promoção do planeta na sociedade sideral.

A direção daquele Mundo decidiu, então, degredar os rebeldes num planeta inferior, cujos habitantes estagiavam próximo à idade da pedra, com primário desenvolvimento mental e espiritual.

Limitações e dificuldades impostas pelo ambiente hostil atuavam como lixas grossas a desbastarem sua rebeldia.

Esse mundo primitivo era a Terra.

Milhões de capelinos encarnaram em nosso planeta, em imenso movimento migratório, sem paralelo na história humana.

Em face de seu desenvolvimento intelectual, favoreceram o surgimento da civilização neolítica, que configura o maior salto evolutivo já operado entre as coletividades terrestres e que ainda hoje é motivo de perplexidade para os antropólogos.

No espaço de algumas centenas de anos, com a influência dos capelinos, a Humanidade conquistou a escrita, aprendeu a domesticar animais, criou a agricultura, estabeleceu a vida urbana...

◆ **

Segundo Emmanuel, os exilados de Capela voltaram ao planeta de origem, após milênios de dolorosas experiências na Terra, onde se depuraram de suas mazelas.

As revelações espíritas sobre o assunto representam valiosa contribuição para a solução de outro mistério antropológico:

Por que grandes civilizações, como a egípcia e a indiana, surgiram tão rápido e, por que, a partir de determinado momento, rapidamente se extinguiram?

E que foram edificadas pelos capelinos. Quando partiram, o homem terrestre, ainda primitivo, não tinha condições para sustentá-las.

Imaginemos o selvagem que fosse morar em rica mansão, abandonada por seus proprietários...

◆ ◆◆

Sabemos que acima das pretensões humanas há poderes espirituais que nos governam.

Segundo Emmanuel, Jesus é o governador de nosso planeta, presidindo todos os seus surtos evolutivos.

Certamente nossos dirigentes espirituais estão atentos aos problemas da atualidade.

Haverá a chamada separação do joio e do trigo, dos bodes e das ovelhas, a que se refere o mestre nazareno.

Algo semelhante ao que se deu com os capelinos, afastando os birrentos que estão retardando a promoção de nosso planeta na sociedade dos Mundos.

Segundo aprendemos com Allan Kardec, a Terra deixará a condição de *provas e expiações*, onde o egoísmo predominante é o elemento gerador de todos os males.

Passará a Mundo de *regeneração*, onde consciências despertas elegerão o esforço da fraternidade como ideal supremo, conforme o *amai-vos uns aos outros* preconizado por Jesus.

Não haverá necessidade de grandes tragédias a dizimar populações imensas para que isso ocorra, como vaticinant religiosos empolgados por soluções apocalípticas.

Simplesmente não reencarnarão Espíritos comprometidos com a rebeldia, senso moral subdesenvolvido, ainda que dotados de larga capacidade intelectual.

No espaço de uma geração teremos uma nova era, a Terra habitada por Espíritos que alcançaram uma evolução compatível, dispostos de respeitar a vida e trabalhar pelo bem comum.

Resta saber, leitor amigo, quais os critérios usados pela espiritualidade para o expurgo.

Jesus responde a essa pergunta no Sermão da Montanha, quando proclama:

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.

A mansuetude seria, portanto, a senha para nosso ingresso no Mundo Novo, na civilização cristianizada do Terceiro Milênio.

O adjetivo *manso* tem hoje uma conotação pejorativa.

Quando o usamos para nos referirmos a alguém é como se o xingássemos, como se disséssemos que corre sangue de barata em suas veias, que não é homem.

Sempre lembrado nos casos de adultério, é então associado ao apêndice que guarnece a cabeça de alguns animais, compondo expressão chula.

No entanto, manso é simplesmente alguém que venceu a agressividade, esse resquício de animalidade primitiva que existe no comportamento humano.

É essa agressividade que se manifesta naqueles que pretendem impor seus pontos de vista e defender seus direitos em bases de pancadaria.

É essa agressividade que faz as guerras e sugere insanidades como a produção de artefatos atômicos.

Muita água rolará no rio do tempo, até que o Reino de Deus se instale na Terra, a partir de uma civilização alicerçada nos ideais cristãos.

Mas não há dúvida de que os adeptos da violência terão que sair desde agora, ou, literalmente, atearão fogo em nosso mundo.

A prudência sugere que busquemos definir nossa posição em relação ao grande expurgo.

Afinal, não será interessante que nos vejamos na contingência de viver entre trogloditas, em remoto rincão do Universo.

Estamos respeitando o próximo?

Como temos reagido quando as pessoas não correspondem às nossas expectativas, quando ocorrem incidentes, quando somos contrariados?

Já aprendemos a conter nossos impulsos ou ainda nos orientamos pela tendência de resolver pendências "no grito"?

Cuidado, leitor amigo.

O expurgo vem aí!

Levantar o Véu

Penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui.

Questão 18, de O Livro dos Espíritos

O superdesenvolvimento intelectual, aliado à moral subdesenvolvida, situam o Homem como pássaro de uma asa só.

Ele a agita, tentando alçar voo, mas apenas gira em torno de si mesmo.

Pensa voar.

Afunda-se no chão.

Sem a bússola do discernimento que as faculdades morais sustentam, alheia-se das realidades universais, enveredando por caminhos de ilusão.

Paradoxal mente, quanto mais cresce em Ciência, no propósito de melhorar as condições de vida, maiores seus problemas, tensões e desajustes.

Imaturo, situa-se como indisciplinado aprendiz de feiticeiro, incapaz de bem aproveitar e controlar suas próprias conquistas.

- Alfred Nobel estuda as propriedades da nitroglicerina e inventa a dinamite, destinada a favorecer as pesquisas geológicas, a abertura de estradas, a construção de pontes... Em breve o explosivo toma-se largamente usado com intenções belicosas, com devastador poder de destruição, que semeia a morte e a desolação.
- Alberto Santos Dumont consegue o prodígio de fazer o mais pesado sustentar-se no ar - o avião, a encurtar distâncias, aproximando países e continentes. Logo sua invenção passa a ser usada para despejar bombas sobre populações indefesas.
- Brilhantes físicos como Albert Einstein desvendam a intimidade do átomo para melhor compreensão dos mecanismos da matéria, com vistas a valiosos avanços

científicos. Imediatamente esse conhecimento se materializa no poder devastador da bomba atômica, que ameaça a própria civilização.

A televisão é um capítulo especial nesse prodigioso livro de sandices, em que o Homem consegue conturbar a própria vida com o mau uso das dádivas do Céu.

Invenção notável, seria o mais eficiente recurso de educação das coletividades. Entretanto, colocada de imediato a serviço de interesses econômicos, transformou-se em instrumento de alienação, que condiciona nossos hábitos, nosso gosto, nossa maneira de vestir, de viver...

Ante a sutileza da técnica de envolver e das imagens condicionantes, produtos de duvidoso valor nutritivo aparecem como fontes abundantes de energia; medicamentos inócuos são apresentados como panaceias, capazes de resolver os mais variados problemas de saúde; redes de lojas que exploram a bolsa do povo proclamam-se o paraíso da economia.

O pior são os comerciais do cigarro, criados com os requintes da técnica de envolvimento.

São tão sofisticados que convencem os incautos de que fumar dá *status*, torna o indivíduo atraente, viril, campeão do sucesso, capaz de desfrutar plenamente as delícias da vida.

Entre para o mundo de ... - diz a propaganda veiculada por famosa marca de cigarro, uma visão magnífica de fazendas imensas, prados verdejantes, cavalos maravilhosos, homens fortes, viris e belos, a tragar tranquilamente seu cigarro, passando a imagem de que fumar é tudo isso.

Esqueceram de incluir alguns burros, a simbolizar os incautos que caem nessa deslavada mentira.

Falta aos nossos veículos de comunicação uma orientação no sentido de divulgarem apenas o que é certo, justo, verdadeiro.

Isso é quase impossível no atual estágio, já que a meta de todos eles é o dinheiro, em clima de acirrada disputa, onde não há lugar para princípios éticos.

Sem o desenvolvimento das faculdades morais todas as conquistas do Homem apenas acentuam sua megalomania, preocupado em desenvolver recursos que favoreçam seu conforto e bem-estar, sem considerar que está desencadeando reações que poderão colocar em risco sua própria sobrevivência.

A poluição atmosférica, a devastação das florestas, os buracos na camada de ozônio, a dizimação de espécies animais e vegetais, são apenas alguns dos problemas gerados pela inconseqüência humana, nos domínios da Natureza.

Isso sem falar no desentendimento geral, nas dificuldades de relacionamento, envolvendo família, comunidade, Estado, nações, povos, continentes, que se acentuam cada vez mais, na medida em que indivíduos e coletividades pretendem cultivar autodeterminação sem auto-educação.

Em vários círculos religiosos apregoa-se que o Terceiro Milênio mudará tudo, inaugurando o Reino de Deus, e que em breve haverá o Juízo Final, a separação do joio e do trigo, dos bons e maus, segundo a expressão evangélica.

Tudo será diferente.

Não haverá mais guerras...

A Natureza será respeitada...

Imperarão a ordem e a harmonia...

Haverá paz nos lares...

As coletividades conviverão sem atritos...

Será instalado o paraíso terrestre...

E uma bela fantasia, animadora, sem dúvida, mas sem respaldo da boa lógica.

Considerando que a mansuetude é a senha para a civilização cristianizada do Terceiro Milênio, fosse ela exigida agora e seríamos todos despejados do planeta!

Ninguém é promovido a santo do dia para a noite.

Se não somos recalcitrantes no mal, se não nos comprazemos na violência, teremos algum tempo, antes que os poderes que nos governam determinem o expurgo final, envolvendo os que não se adequem aos valores evangélicos.

Até lá repetiremos experiências reencarnarias que desbastam nossas imperfeições, em favor do desenvolvimento de faculdades espirituais que nos permitam enxergar além das humanas limitações, rumo ao Infinito, realizando o Reino em nós para que ele se estenda no Mundo.

Quanto tempo levaremos para levantar o véu?

Impossível antecipar.

Depende de nosso esforço por deixar os porões da indiferença e da ociosidade em relação aos objetivos da Vida.

Nesse empenho não bastam as possibilidades do saber.

Imperioso cultivar a sabedoria do fazer.

A esse propósito vale lembrar a experiência de um orador espírita.

Eloquente, culto e didático, comentava os princípios espíritas-cristãos de forma primorosa mas, distraído, não se dava ao trabalho de observá-los.

Durante anos, em suas palestras, notava a presença de um senhor de aparência humilde, que o ouvia atentamente.

Quando a morte o reconduziu à pátria espiritual, nosso herói viu-se confinado em lúgubre região, destinada aos que falam muito bem sobre as verdades eternas e cumprem muito mal seus ditames.

Após algum tempo de solidão e sofrimento, foi socorrido por iluminado Espírito que atendia às suas angustiadas orações.

Surpreso, constatou que era seu ouvinte de outrora.

Um tanto decepcionado com as Celestes Diretrizes, que colocavam o professor em posição inferior ao aluno, perguntou:

- Amigo, como conseguiu tão elevada posição?

O benfeitor sorriu.

- Simples, meu irmão....

E, sem afetação: - **Pratique! o que você ensinava.**

Experiência Gratificante

Após os estudos sobre mediunidade e a leitura de uma página evangélica, conforme as disciplinas do grupo mediúnico, passamos ao trabalho de vibrações.

Buscávamos beneficiar pessoas cujos nomes estavam anotados em pequeno impresso. Constavam, também, idade e endereço.

Essas informações eram lidas pausadamente, com intervalo de trinta segundos, tempo para os participantes mentalizarem o beneficiário, endereçando-lhe vibrações de equilíbrio e bem-estar.

Em seguida entramos na parte mediúnica.

Logo manifestou-se um Espírito bastante irritado, agressivo mesmo. Dizia, veemente, que pretendia reencarnar “naquela casa, filho daquela mulher”, só ele e mais ninguém.

Reportava-se a um dos nomes lidos durante as vibrações.

Tratava-se de uma jovem em início de gestação que vinha sofrendo persistente e perigosa hemorragia.

O manifestante proclamava estar empenhado em provocar o aborto e que seria inútil qualquer interferência.

Um dos doutrinadores procurou modificar suas disposições.

Tentou sensibilizá-lo com palavras mansas e carinhosas, enfatizando o dever de respeitar os desígnios divinos.

Iniciante nesse trabalho, não conseguia demover o Espírito, que se mostrava cada vez mais exasperado.

O dirigente da reunião veio em seu socorro, iniciando o seguinte diálogo:

- Amigo, creio que você tem razões ponderáveis para reencarnar e gosta muito daquela que pretende seja sua futura mãe, não é mesmo?

- Sim, muito! Temos ligações. Retornarei ao convívio dela como filho e não admito que ninguém me passe para trás.

- Louvável e corajosa sua intenção. A experiência na carne é um grande desafio, marcado por sofrimentos e dificuldades. Não obstante, como mãe e filho vocês certamente estreitarão laços de afinidade.

- Isso mesmo.

- Há pequeno problema...

- Grande ou pequeno, não importa. Ninguém me impedirá!

- Só você mesmo...

- Não estou entendendo...

- Com sua interferência está gerando um impedimento insuperável. Como não ignora nossa irmã tem certas limitações. Foi extremamente difícil engravidar...

- Sei disso. Conheço a situação em seus mínimos detalhes.

- Deve saber também que se ela sofrer um aborto correrá o risco de não mais engravidar, em virtude das complicações que podem surgir...

O médium agitou-se, refletindo a surpresa do Espírito.

- Ora essa! Não tinha pensado nisso!

- Pois é. Pretendendo evitar que seu futuro irmão reencarne, está fechando a porta da reencarnação para você mesmo.

O manifestante mostrava-se agora perplexo.

- Idiota que sou! Trabalho contra mim!
- Ainda é tempo. Mude suas disposições. Ao invés de criar embaraços, ajude nossa irmã. Seja um amigo, um protetor, para que tudo corra bem e ela seja preservada. Assim poderá, mais tarde, recebê-lo como filho.

O médium chorava copiosamente, extravasando a emoção do manifestante que, demonstrando surpreendente transformação, agradecia a interferência do grupo e prometia seguir a orientação recebida.

Alguns dias depois tivemos notícia de que haviam cessado as hemorragias da jovem, com excelentes perspectivas de uma gestação tranquila.

Essa experiência demonstra como é importante saber conversar com os Espíritos que se apresentam nas reuniões mediúnicas.

Em determinadas circunstâncias, será ocioso exortá-los a mudarem de rumo simplesmente apelando para os valores evangélicos ou alertando-os quanto às suas responsabilidades.

Geralmente, empolgados pela fixação de ideias desajustadas e dominados por sentimentos negativos, situam-se refratários aos apelos da lógica e do bom senso.

Imperioso, nestes casos, “entrar na deles”, como dizem os jovens.

Conquistando sua confiança será mais fácil modificar suas disposições.

Há muitos anos li curioso livro de ficção científica.

O autor descrevia um complicado processo de comunhão mental envolvendo milhares de pessoas. O objetivo era gerar suficiente energia, capaz de impulsionar uma nave espacial até o planeta Marte.

Talvez dentro de milênios o homem terrestre seja capaz de realizar algo parecido, com o desenvolvimento de fabulosa *psicocinesia* coletiva.

Não obstante, mesmo com nossas limitações atuais, é possível realizar eficiente trabalho de ajuda ao semelhante orientando a mente nessa direção.

A comunhão de pensamentos com o propósito de beneficiar alguém forma um campo vibratório poderoso, de notáveis resultados, como se pode constatar investigando junto aos beneficiários dos tradicionais trabalhos de irradiação nos Centros Espíritas.

- Obsidiados que se libertam.
- Doenças renitentes que são eliminadas.
- Lares conturbados que se harmonizam.
- Pessoas deprimidas que renovam o ânimo.
- Desajustes psíquicos que são superados.

Há exemplos ilustrativos.

Um jovem reclamava de insuperável insônia, atormentado por indefiníveis temores e angústias.

Isso vinha acontecendo desde o falecimento de seu pai. Este tivera um fim de vida difícil, marcado por perturbações e sofrimentos.

Após as vibrações em benefício de ambos, manifestou-se o familiar desencarnado.

Como acontece com muitos Espíritos despreparados para a vida além-túmulo e inconscientes de sua situação, permanecia no lar, envolvendo o filho em suas perplexidades.

Esclarecido e amparado, foi conduzido a um hospital da espiritualidade.

A partir daquele dia, o jovem voltou a dormir tranquilo.

Geral mente os Centros Espíritas mantêm uma reunião especial para o trabalho de vibrações, reunindo grupos de dez a quinze pessoas, que durante trinta a quarenta minutos atendem a dezenas de solicitações.

Não é muito produtivo, já que exige uma capacidade de concentração prolongada e de doação vibratória que poucos possuem.

No Centro do qual participo as vibrações são realizadas na reunião mediúnica, entre os estudos iniciais e as manifestações. Imagino quantos benefícios seriam prestados se essa prática se generalizasse.

Fica a sugestão para você, leitor amigo, que participa das reuniões de intercâmbio com o além.

Converse a respeito com os companheiros.

Experimente.

Os resultados são gratificantes.

Tirar Uma Pestana

Terminara a reunião comemorativa no Centro Espírita.

O expositor convidado recebia efusivos cumprimentos.

- Parabéns!
- Adorei !
- Ótimo! O senhor abordou com propriedade um assunto dos mais importantes.
- Excelente! Precisamos de palestras assim, claras e objetivas!

Eufórico, falou um “ouvinte”:

- Sua palestra foi muito interessante, enfoques oportunos, elevada espiritualidade. Foi tão lindo, tão maravilhoso, formou um ambiente tão bom que... dormi!

Funcionou para ele como eficiente soporífero!

Não fossem as sinceras manifestações anteriores, julgaríamos que o problema estivesse no expositor.

Há especialistas em sonoterapia.

Começam a falar e o povo logo ronca.

Falta-lhes o cuidado de preparar a palestra, escrever um roteiro, criar motivações.

Isso ocorre porque nem sempre as pessoas estão conscientes das responsabilidades que essa atividade impõe.

Todo expositor tem o compromisso de falar algo aproveitável, com aquele mínimo de eficiência que se exprime numa providência elementar:

Manter acordados os ouvintes.

No meio espírita há a crença de que o importante é *enfrentar o desafio*.

O expositor falará por obra e graça do *espírito santo*, sem problemas.

Puro engano.

O processo demanda muito mais transpiração do que inspiração.

Até para que tenhamos a assistência espiritual é fundamental que sustentemos conhecimento básico a respeito do que vamos falar.

Há um princípio, raramente observado, segundo o qual o bom expositor gasta dez minutos para preparar cada minuto de exposição.

Assim, a palestra de uma hora exige dez horas de esforço, envolvendo pesquisa e memorização, observada a sequência elementar de qualquer exposição eficiente:

Começo, meio e fim.

A proposta inicial, o desenvolvimento e a conclusão.

Isso tudo em função do respeito que devemos aos presentes.

Eles ali estão para ouvir algo proveitoso e edificante, não "abobrinhas", digressões mal arrumadas e cansativas.

Obviamente, por melhor seja o expositor, há sempre quem "puxe o ronco". Aqui o problema está no ouvinte.

Vários podem ser os motivos.

- **Cansaço.**

Após um dia de atividade intensa ou noites mal dormidas, há tendência à sonolência, que inibe a concentração e nos conduz aos braços de Morfeu.

- * **Apnéia.**

Há pessoas que experimentam oxigenação deficiente durante o sono, motivada por problemas nas vias respiratórias. A respiração é interrompida por segundos, múltiplas vezes. Não chegam a despertar, mas têm o descanso prejudicado e passarão o dia bocejando.

- **Digestão.**

Estômago cheio, pálpebras pesadas. Uma lauta refeição torna problemática a concentração.¹

Nesse assunto sonolento há um capítulo especial: o bocejo.

Quando Espíritos nos influenciam ou o ambiente está pesado, dizemos que funciona para aliviar o corpo de fluidos deletérios.

E possível, mas consideremos também a informação dos cientistas.

Falam eles em redução de oxigenação no sangue, que ocorre quando respiramos superficialmente, antes de adormecer, por cansaço ou em situação de monotonia.

Obviamente, na segunda hipótese a responsabilidade é do expositor.

Bem, e o que fazer para, apesar de todos os empecilhos, conservar os olhos abertos, a atenção firme?

Um confrade costumava sugerir que os ouvintes colocassem um palito de fósforo entre as pálpebras, impedindo-as de se fecharem.

As pessoas achavam graça e o riso espantava o sono.

Qualquer expositor experiente sabe que depois de vinte ou trinta minutos é preciso um pouco de humor para "segurar" a atenção do público.

Há quem se levanta, vai até o sanitário e molha o rosto para espantar o sono, o que não é recomendável principalmente quando a palestra é soporífera. Haverá perturbador trânsito de pessoas no recinto e um congestionamento nos lavabos.

Algumas providências práticas podem ser adotadas:

- Alimentação frugal para não sobrecarregar a digestão.
- Repousar alguns minutos, antes da reunião.
- Evitar a correria em torno de interesses imediatistas e negócios. Quem passa o dia muito tenso fatalmente terá sono ao tentar relaxar para ouvir uma preleção.
- Verificar com especialista médico se existe causa

física.

- Seguir a orientação espírita para superação de influências espirituais - passe magnético, oração contrita, participação em serviços do bem, empenho de renovação, esforço em cultivar a atenção...

Vale lembrar uma sugestão muito interessante, que me foi passada por ex-dorminhoco.

Disse-me ele que tinha extrema dificuldade para acompanhar as palestras, não obstante seguir todas as orientações a respeito do assunto.

Só conseguiu vencer a sonolência a partir do dia em que resolveu fazer anotações durante as palestras. Desde então registra sucintamente o que ouve.

Com esse procedimento não só evita o sono como coleta vasto material para pesquisas e consultas.

Portanto, leitor amigo, se você já tentou de tudo e não consegue superar a tendência de “tirar uma pestana” nas palestras, experimente.

Lápis e papel na mão!

Espante Morfeu e faça bom proveito!

Dúvidas

- *Se o passista não está bem joga coisa ruim sobre o paciente?*
- *Enunciando que nossos males e dificuldades representam o pagamento de dívidas, o princípio da reencarnação não faz a gente desistir de lutar para melhorar de vida?*
- *Se a Doutrina Espírita é do século passado, como podem os espíritas dizer que os discípulos de Jesus*

Encontrarei meus familiares quando morrer? Japonês pode reencarnar como negro africano?

O Mundo vai acabar no início do próximo milênio?

- *Há um horário certo para nos comunicarmos com nosso anjo de guarda ?*
- *Que oração devo usar para fazer as pazes com meu namorado?*
- *Por que os espíritas evocam os Espíritos, contrariando a proibição de Moisés?*
- *Como encontrar nossa alma gêmea?*
- *O demônio se manifesta no Centro Espírita?*
- *As pessoas más reencarnam como animais?*

Selecionei estas perguntas dentre centenas, formuladas pelo público, no Centro Espírita, em reuniões onde se oferece essa possibilidade.

Diga-se de passagem que esse *pinga-fogo* é muito oportuno.

Desde que tenhamos alguém em condições de responder, os resultados são excelentes. Há maior interesse e as pessoas podem desfazer suas dúvidas. É mais produtivo que as palestras, onde nem sempre o expositor aborda o que realmente interessa aos ouvintes.

Mas o que ressalta na amostragem apresentada é a pouca familiaridade com a Doutrina Espírita por parte daqueles que comparecem às reuniões públicas.

E compreensível.

A grande maioria é composta de adeptos de outras religiões que procuram cura para seus males, encaminhados por amigo ou familiar.

Comportam-se exatamente como quem vai a um hospital. Estão ali para tratamento, sem intenção de estabelecer vínculos.

Há os que lêem, estudam, observam, deslumbram-se com a gloriosa visão que a Doutrina Espírita oferece sobre a existência humana. Tornam-se espíritas convictos.

Outros, mais afoitos, seguem seu caminho.

Afastam-se, porque:

Sararam.

Não mais precisam de tratamento.

Não sararam.

Procuram um Centro “mais forte” ou algo semelhante.

Não foram motivados.

Não lhes ofereceram uma visão objetiva do Espiritismo.

A exposição doutrinária, no centro espírita, deixa muito a desejar, mesmo porque não temos profissionais da palavra.

O expositor espírita é aquele cidadão de boa vontade que faz malabarismos para participar do Centro e ao mesmo tempo atender seus compromissos de subsistência.

Há um problema adicional, com companheiros melhor dotados cultural e intelectualmente:

Não raro encasquetam de estudar nas reuniões públicas livros espíritas que devem ser reservados a grupos de estudo sistematizado.

Alguns fazem pior:

Abordam as novidades no setor literário, envolvendo esoterismo, psicologia, astrologia, terapias alternativas, auto-ajuda, anjo e quejando...

Pode ser interessante, mas não tem nada a ver com o Espiritismo e muito menos com uma reunião pública, onde há algo básico que deve ser oferecido aos ouvintes:

Noções elementares da Doutrina.

Nelas, frequentadas por neófitos, gente que está chegando, o ideal é comentar duas obras básicas:

- *O Livro dos Espíritos.*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo.*

Ninguém aprende a ler sem conhecer o elementar -as letras do alfabeto.

O Livro dos Espíritos é o **bê-á-bá** do Espiritismo. Não se diria que deve ser a primeira leitura, porque poucas pessoas têm familiaridade com os livros.

Quem não está habituado a compuisú-los terá dificuldades com as obras básicas.

Mas, da mesma forma que a professora não entrega

o manual de alfabetização à criança iletrada, mas trata de usá-lo para ensinar seus pupilos, o expositor têm nessa admirável síntese doutrinária todo um precioso roteiro para seus comentários.

Isso não implica, obviamente, em não recomendar sua leitura ou de outra obra básica aos iniciantes. Mas é preciso cuidado.

Segundo pesquisas, apenas dez por cento da população brasileira lê um livro, anualmente.

Quem pouco lê terá dificuldade com os livros de Kardec.

Não são compêndios impenetráveis aos iniciantes, mas foram escritos no século passado, em linguagem que dificilmente motivará quem não está habituado a excursionar pelo mundo encantado da literatura.

Preferível oferecer, num primeiro momento, obras mais simples envolvendo histórias, romances, mensagens, um tipo de literatura que facilita a atenção.

A mediunidade fabulosa de Chico Xavier é pródiga em livros dessa natureza.

Quanto a *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, é aquela indispensável orientação moral, o remédio de que mais carecem as pessoas para males decorrentes do comportamento irregular, distanciado das normas do bem viver, explicitadas em suas páginas.

Entretanto, muitos vêm nessa obra básica uma espécie de amuleto que deve estar sempre a mão nos momentos difíceis, para leituras mágicas capazes de atrair a proteção divina, resolvendo problemas e curando enfermidades.

Poucos entendem que sua magia está no roteiro que nos oferece, consagrando a moral de Jesus como o mais legítimo recurso para uma existência equilibrada e feliz.

E isso que deve ser ressaltado.

Por isso, o comentário das lições de Jesus, à luz de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em reuniões públicas, produz palestras consoladoras e atraentes, que motivam o ouvinte e o ajudam a superar suas dúvidas.

Um recado final para os companheiros que fazem uso da palavra nas reuniões públicas:

As pessoas que comparecem em busca de cura para seus males, não têm “cabeça”³ para fixar a atenção por muito tempo, em face de seus problemas e perturbações.

As palestras, por isso, enfocando *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, devem ser breves, no máximo vinte e cinco minutos, num somatório de cinquenta para toda a reunião, enxertando-se histórias e fatos do dia-a-dia, que prendem a atenção e permitem ao ouvinte entender os conceitos doutrinários e aplicá-los à própria vida.

Se desenvolvermos nosso trabalho com a eficiência de quem se prepara convenientemente, então nossos ouvintes, que num primeiro momento procuraram um hospital no Centro Espírita, descobrirão, encantados, o que ele é, realmente:

Abençoada escola de espiritualidade.

Lidando com os "Mortos"

Como se sentiria, caro leitor, se alguém lhe dissesse, “na lata”:

- O irmão já não pertence ao mundo dos vivos! É um Espírito desencarnado que fala através de uma pessoa que capta seu pensamento e o transmite pela palavra articulada. Falando claramente, você morreu!

Provavelmente o consideraria um doido de pedra. Ou talvez Ficasse em dúvida, sem saber se era um morto sendo esclarecido por um vivo, ou um vivo sendo confundido com um morto.

Pois saiba que há doutrinadores, em reuniões mediúnicas, cujo principal argumento para “ajudar” o desencarnado é informá-lo de que “bateu as botas”.

Lembram as antigas terapias psiquiátricas, em que se dava um choque elétrico no doente a fim de que “acordasse” para a realidade.

Companheiros há que, revelando requintes de sadismo, evocam o cadáver do Finado.

- Veja seu corpo apodrecendo! Constate por si mesmo que defuntou!

Chegam a evocar o concurso dos mentores, pedindo-lhes que mostrem para o pobre Espírito seus despojos carnis.

Bom tema para filme de horror!

Não raro o Espírito revela estar vendo seu corpo no caixão, devorado pelos vermes.

Apavorante, sem dúvida, mas não se trata de nenhuma providência de mau gosto da espiritualidade.

É que o finado esteve preso ao cadáver durante algum tempo, em virtude de despreparo para a grande transição e do comprometimento com vícios e desajustes da vida física.

A dramática experiência ficou tão impregnada em sua mente que o leva a sofrer alucinações, envolvendo a visão de seu corpo em decomposição.

Outros, mais amenos, limitam-se a dizer ao Espírito que, estando morto, compete-lhe “subir”.

- Sobe, irmãozinho! Sobe! Seu lugar é lá em cima, não aqui embaixo entre os homens.

Certamente o Espírito ficará muito confuso, sem saber por que subir.

E como fazê-lo se não há nenhum elevador ou escada nas proximidades?...

Falta estudo, cultura mediúnica, conhecimento elementar a respeito do intercâmbio com o Além.

Para que nos habilitemos a um contato mais produtivo com os Espíritos sofredores é preciso definir, em primeiro lugar, qual o objetivo de sua manifestação.

Há quem os aponte como exemplo vivo (ou morto?) do que nos espera quando chegar a nossa hora.

- Cuidado, irmãos! Vejam o que lhes acontecerá se não se arrependerem de seus pecados, procurando cultivar a virtude e o bem!

Pregadores apocalípticos, a ameaçar com as chamas do inferno, não fariam melhor.

Parece-me de mau gosto e descaridoso apontar um estropiado do Além para enfatizar que essa será nossa condição se não tomarmos jeito, dispondo-nos a seguir rumos mais adequados.

Mais interessante e razoável vê-lo como alguém que precisa de ajuda, que pode beneficiar-se muito desse contato, se soubermos como lidar com ele.

Em princípio é fundamental saber que os Espíritos sofredores não se manifestam para que os informemos da sua condição de desencarnados.

E bastante ilustrativa a experiência contida no livro *£ r/ Vida Continua*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, em que o Espírito André Luiz reporta-se a um hospital da Espiritualidade, que acolhe grande número de desencarnados.

Ali fazem sua readaptação à vida espiritual, sem receber, em princípio, nenhuma informação quanto à sua condição de egressos da vida física.

Em seu benefício, médicos e enfermeiros deixam que eles próprios percebam que já não vivem na carne.

Evidente que “cada caso é um caso” e haverá Espíritos que poderão ser beneficiados com a espantosa notícia de que “vestiram o paletó de madeira”.

Todavia, procedimentos dessa natureza devem ser considerados de exceção, muito bem avaliados pelo doutrinador, quanto a sua conveniência.

Bem, perguntará o leitor, se nos compete ser parcimoniosos no uso dessa informação fundamental para o desencarnado, qual o objetivo de sua presença entre nós?

Entendo que as reuniões mediúnicas funcionam como um pronto-socorro espiritual para aqueles que não têm condições de ser atendidos diretamente pelos mentores espirituais.

Companheiros habituados a esse trabalho sabem que os manifestantes estão tão empolgados pelas circunstâncias do seu desencarne, principalmente quando traumático; tão envolvidos pelas impressões da vida física, que se situam como sonâmbulos que falam e ouvem.

E como se dormissem de olhos abertos.

O contato com o ambiente mediúnico, e particularmente com as energias físicas do médium, lhes tonifica a mente, dando-lhes alguma lucidez.

A função precípua do doutrinador é ajudá-los a superar o trauma da desencarnação, falando-lhes brandamente, repetindo com firmeza que estão amparados. Não mais perdidos entre sombras e perplexidades, mas junto a amigos, recebendo assistência.

Se o Espírito sente-se ainda preso às engrenagens de um veículo acidentado que provocou sua morte, podemos dizer:

- Você sofreu um acidente, mas tudo já passou. Foi prontamente atendido. Está agora num hospital. Esteve inconsciente durante algum tempo e começa a despertar. Daí o

embaralhamento de suas impressões, o que o leva a julgar-se ainda no local, ferido e perplexo. É natural. Aos poucos irá aclarando as ideias.

Com carinho, coadjuvado pelas vibrações amorosas do grupo, procura-se conquistar sua confiança, explicando-lhe que está bem amparado.

Sobretudo, devemos estimulá-lo à prece, explicando-lhe que orar é conversar com Deus, com Jesus... É expor nossas dúvidas e necessidades, pedindo amparo e proteção.

Geralmente Espíritos dessa condição não estão habituados a elevar o pensamento.

Não há elementos de apoio em sua vida íntima para a grande transição, para identificação das paisagens além-túmulo.

Comportam-se como alienados mentais empolgados por uma fantasia, resultante de idéias e sentimentos desajustados que cultivaram compulsivamente.

Pessoas que oram contritamente, esforçando-se por buscar a comunhão com a Espiritualidade e vivenciar os princípios religiosos, não se manifestam para receber esclarecimento.

Integram-se sem maiores dificuldades na nova condição e são prontamente encaminhadas às organizações assistenciais do Além.

Um detalhe fundamental em relação a essas reuniões.

As entidades sofredoras que se manifestam necessitam de muito carinho, de um envolvimento amoroso que lhes inspire confiança.

Se conseguirmos isso, os mentores espirituais farão o resto.

Por isso os participantes do grupo jamais devem desmotivar-se, permitindo que a reunião se transforme em algo rotineiro, diante de manifestações que se repetem sem grandes novidades.

Mesmo atendendo a dezenas de acidentados que se *sucedem num* pronto-socorro, ao longo dos meses, em nenhum momento o médico pode transformar seu trabalho em mera rotina.

Os casos podem repetir-se, mas o paciente, com seus problemas e necessidades de atenção e cuidado, deverá ser sempre uma novidade.

Essa a postura ideal na reunião medi única, para que jamais deixemos de oferecer o melhor de nós mesmos em *benefício* dos sofredores que se manifestam.

Há quem questione esse trabalho.

Afirma-se que milhões de Espíritos retornam à Espiritualidade sem chance de receber ajuda numa reunião medi única e que nem por isso deixam de ser atendidos por mentores espirituais, no momento oportuno.

E um raciocínio equivocado.

Seria o mesmo que dispensarmos a Medicina, alegando que a maior parte das enfermidades são superadas espontaneamente, sem necessidade de tratamento.

A medida que as idéias espíritas relacionadas ao intercâmbio com o Além forem difundidas veremos ampliarem-se os grupos mediúnicos socorristas, favorecendo o despertar dos sonâmbulos do Além, tanto quanto a Medicina favorece a cura dos doentes da Terra.

Participar desses grupos é dever do espírita consciente e esclarecido.

Não perca essa oportunidade, amigo leitor.

Quanto maior o nosso empenho em favorecer nossos irmãos que dormem acordados, maiores as nossas chances de regressarmos despertos ao Mundo Espiritual.

Amarrar o Gato

O monge budista possuía um gato de estimação.

Nos exercícios de meditação, em sua comunidade, costumava deixá-lo preso por um cordão, a fim de evitar que se enroscasse em suas pernas, como era hábito do bichano, perturbando a concentração.

Quando o monge morreu, seus discípulos continuaram a prender o animal.

Os que partiam, fundando novas comunidades, disseminavam a rotina, transformada em ritual.

Nas reuniões, havia sempre um gato preso.

Com o tempo formaram-se correntes de opinião, envolvendo muitos grupos, a discutir quanto à raça ideal, a que distancia deveria ficar, o tamanho do cordão...

O gato tornou-se indispensável ao exercício da meditação.

Esta história, digna de uma antologia de excentricidades, lembra outra não menos curiosa, a envolver a prática mediúnica.

Assumindo a direção de um grupo, no Centro que frequentava, um confrade postava-se em pé, diante do médium, para conversar com o Espírito manifestante.

Como havia um curso para formação de grupos mediúnicos, estes foram se multiplicando, vários deles orientados pelo dedicado servidor.

A tendência foi adotar-se a mesma diretriz - o doutrinador próximo ao médium para dialogar com a entidade.

Os médiuns gostavam.

Sentiam-se “protegidos” com sua proximidade.

Certa feita, em favor de uma uniformidade de procedimentos, para melhor aproveitamento das reuniões, foi realizado um seminário.

Dentre vários assuntos abordados, o que mais motivou os participantes foi exatamente a localização do doutrinador durante a reunião.

- *A que distância deve ficar do médium ?*
- *Será conveniente aplicar-lhe o passe ?*
- *Permanecerá junto dele durante a manifestação?*

Quando a discussão ia acesa, formando-se grupos com ideias divergentes, o coordenador pediu ao nosso confrade que defendesse sua postura.

E ele explicou:

- Estou convicto de que a presença do doutrinador junto ao médium é perfeitamente dispensável. Não deve ser estimulada.

Surpresa geral.

- Não entendo - falou um dos participantes -, você instituiu a prática, formou grupos que trabalham assim... Agora, diz que não é necessária!

- Lamento a controvérsia. Deveria ter explicado antes. Tenho um problema auditivo. Ouço mal. Por isso me aproximo.

Há muita gente “amarrando o gato” nas reuniões mediúnicas, instituindo rotinas condicionantes que dificultam e comprometem o intercâmbio com o Além.

Alguns exemplos, envolvendo os médiuns:

- *Cadeira cativa.*

Senta-se sempre no mesmo lugar. Qualquer mudança lhe traz desconforto.

- *Apontador.*

Espera a indicação do dirigente. Até que aconteça, não se anima a romper o silêncio.

- *Tavoleiro.*

Depende da mesa. Se por necessidade do serviço, o grupo passa a usar apenas cadeiras em círculo, fica inseguro.

- *Penumbroso.*

Não tolera claridade. Só consegue “soltar-se” quando são reduzidas as luzes.

- *Dependente.*

Não confia em eventual substituto. Acredita que apenas o titular tem competência.

- *Musicômano.*

Não dispensa o aparelho de som. Sem música suave no ambiente, alega dificuldade para concentrar-se.

- *Papa-passes.*

O passe lhe é indispensável ao exercício mediú-nico. Não “funciona” se não for “pacificado” antes. Não se sente bem se não for “purificado” depois.

Essas posturas indesejáveis, tomadas à conta de “facilitadoras”, impõem limitações, tornando precário o intercâmbio.

Assim como a oração, o exercício mediúnico deve ser despido de formalismos e condicionamentos, observados três requisitos fundamentais:

- *Disciplina.*

Encarar os compromissos mediúnicos com a mesma seriedade que emprestamos aos deveres profissionais. Sem pontualidade, assiduidade, perseverança e fidelidade às normas, toda prática mediúnica é passível de desvios.

- *Estudo.*

Participar de cursos e seminários relativos ao assunto. Familiarizar-se com as orientações contidas em

O Livro dos Médiuns, manual indispensável para um intercâmbio com o Além produtivo e proveitoso.

- *Humildade.*

Combater a vocação para “dono da verdade”. O reconhecimento de nossas limitações é a melhor defesa contra as infiltrações das sombras, pródigas em explorar a vaidade e o orgulho que sustentam a auto-suficiência. É a partir daí que surgem os maiores desvios na prática mediúnica.

Com esse empenho superaremos a tendência de “amarrar o gato”, habilitando-nos a uma participação consciente e produtiva, uma semente de bênçãos que enriquecerá nossa existência.

Portanto, estejam atentos os participantes de trabalhos mediúnicos.

Cuidado com o gato!

Um Teste para o Leitor

A mística do Natal renova-se a cada ano.

A figura do menino na manjedoura sensibiliza todos os corações.

Por isso, dezembro é um mês muito especial.

Sentimo-nos receptivos aos apelos da fraternidade, dispostos ao entendimento, à convivência pacífica.

O pobre fica menos pobre, os lares menos convulsionados, o coração mais tranquilo.

Infelizmente, isso passa breve.

Janeiro reinicia o ciclo das lutas e dos conflitos, das tensões e desajustes que marcam o relacionamento humano.

Por quê?

Por que não conseguimos vivenciar a cada dia a mística do Natal, promovendo o nascimento do Cristo em nossos próprios corações?

Talvez nos falte o essencial:

Reflexão.

Trata-se daquele empenho especial de *parar para pensar*, como se costuma dizer.

Pensar como reagimos às situações do dia-a-dia...

Pensar no que estamos fazendo de nossa vida...

Pensar como vai a vivência evangélica!

Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra aos homens de boa vontade.

A paz é o tempero da Vida.

Impossível viver bem sem paz.

Felicidade, nem pensar!

A ausência de paz talvez seja o mais grave problema humano.

Todo suicida é alguém que procura a paz... do cemitério.

Logo ficará sabendo que, para os desertores, a suposta *última morada* é apenas porta de ingresso em tormentos mil vezes acentuados.

Os consultórios médicos estão abarrotados de pessoas intranquilas.

Não perderam a paz por estarem doentes.

Estão doentes porque perderam a paz!

Raros lares abrigam a paz.

E que seus membros, em guerra consigo mesmos, fazem explodir sobre a família algo de suas tensões interiores.

O mesmo acontece nas relações sociais.

Pessoas sem paz conturbam a ordem e o bem-estar da comunidade por buscá-la, equivocadamente, na contestação, no vício e na indisciplina.

Os anjos, anunciando o nascimento de Jesus, prometem paz aos homens.

Mas há uma condição:

A boa vontade.

Podemos defini-la como **a vontade de ser bom.**

Será que estamos exercitando a boa vontade, isto é, estamos cultivando a bondade?

Convido você, amigo leitor, a participar comigo de um teste sobre a proclamação angélica.

Vamos verificar como anda a nossa boa vontade, a nossa vontade de cultivar a bondade.

Teremos duas opções, envolvendo várias situações:

1- O cônjuge nos pede maior empenho em manter a ordem na casa.

a) Proclamamos imediatamente que é o roto reclamando do rasgado e logo passamos a apontar suas falhas.

b) Reconhecemos que andamos um tanto descuidados e prometemos melhorar.

2- O filho vai mal na escola. Há reclamações quanto ao seu comportamento. As notas são baixas.

a) Aplicamos-lhe uma surra inesquecível e o proibimos de ver televisão durante um mês. Ainda avisamos que é apenas uma amostra diante do que virá se ele não melhorar o desempenho escolar e se mostrar mais sociável.

b) Vamos à escola. Procuramos saber o que está acontecendo. Dialogamos com o filho, tentamos definir como ajudá-lo a superar suas dificuldades ou vencer sua desmotivação. Passamos a acompanhá-lo nos deveres escolares.

3-0 pobre bate à nossa porta.

a) Tratamos de despachá-lo logo, estendendo-lhe alguns trocados ou repetindo o surrado *hoje não tem nada...*

b) Conversamos com ele, analisando suas necessidades para uma ajuda efetiva.

4 - Na casa vizinha acontece uma briga monumental. As pessoas gritam a plenos pulmões, xingam-se, dizem palavrões... Pratos voam.

a) Proclamamos que constituem uma cambada de doidos mal-educados, que deveriam morar em ilha deserta. Pensamos em chamar a polícia.

b) Incluímos nossos vizinhos em nossas preces, sem comentários desairosos, reconhecendo que seu lar está com sérios problemas espirituais.

5-0 patrão nos critica quanto à maneira como estamos conduzindo nossas tarefas.

a) Ouvimos em silêncio, considerando que a crise anda brava e não queremos perder o emprego mas, intimamente, ficamos possessos. Vibramos de intensa raiva, desejando,, ardentemente, que ele vá para o diabo que o carregue ou que seja atropelado por um trem.

b) Admitimos que devemos amarrar o burro onde o patrão manda e tratamos de fazer o melhor, sem nos agastarmos com ele.

6 — Um subordinado incorre em falhas.

a) Irritamo-nos e o advertimos acremente diante de seus colegas, ameaçando-o com severas sanções. Damos a entender que poderá ser demitido.

b) Conversamos com ele em particular, procurando orientá-lo com serenidade, sem humilhá-lo ou amedrontá-lo.

7 - *Um conhecido passa por nós e não responde ao nosso cumprimento.*

a) Ficamos ofendidos. *Sujeitinho orgulhoso! Pensa que tem um rei na barriga!* E nos propomos a nunca mais olhar na sua cara.

b) Consideramos que certamente não nos viu ou estava distraído. De pronto apagamos o episódio de nossa mente, sem solenizar o assunto.

8-0 *motorista, em excesso de velocidade, comete uma imprudência. Quase envolve nosso carro num acidente de graves proporções.*

a) “Homenageamos” a senhora sua mãe, definindo-lhe uma profissão pouco recomendável. E torcemos para que se arrebente na primeira curva.

b) Agradecemos a Deus não ter acontecido nada de mal, e pedimos aos bons Espíritos que o inspirem a ser prudente, evitando acidentes.

9 - *Num grupo começam a falar mal de pessoa ausente.*

a) Botamos lenha na fogueira, dizendo que é tudo o que dizem e muito mais.

b) Neutralizamos as críticas, lembrando aspectos positivos de seu comportamento.

10 - *Aquele que faz uso da palavra, no culto religioso, estende-se além do razoável, tornando-se prolixo e repetitivo.*

a) Ficamos impacientes, olhando a cada momento o relógio, fuzilando o pobre com nosso olhar e torcendo para que providencial afonia encerre sua lengalenga.

b) Presumimos que ele está com dificuldade para arrumar as ideias e conduzir a palestra. Tratamos, de ajudá-lo com vibrações de simpatia e boa vontade.

Se cravamos nossas respostas na segunda alternativa, seguimos pelos caminhos da boa vontade, cumprindo o Evangelho.

Estaremos em paz.

Se as nossas respostas estão mais para a primeira, vai mal o nosso aprendizado.

A boa vontade está passando ao largo.

Estaremos convivendo com desajustes e perturbações.

Não obstante, podemos melhorar nossa performance, cultivando o empenho de fazer algo pelo semelhante - a boa vontade em ação.

Melhor, ainda, se o fizermos com crescente amor o combustível ideal para as realizações da boa vontade como nos ensina Casimiro Cunha, em psicografia de Francisco Cândido Xavier:

Rogas à vida o roteiro Da Esfera Superior.

E a vida responde sempre:

“Ajuda com mais amor. ”

Procurando, desse modo.

Caminho renovador,

Em toda dificuldade,

Ajuda com mais amor.

Se esperas pelo futuro

Como ninho aberto em flor.

Arando a terra do sonho.

Ajuda com mais amor.

Recebe, pois. o infortúnio

Com desassombro e valor,

Se a provação recrudescer.

Ajuda com mais amor.

Suporta com paciência

A nuvem do dissabor;

Buscando nova alegria,

Ajuda com mais amor.

Caluniaram-te a vida?

Perdoa seja a quem for.

Quem vive para a verdade

Ajuda com mais amor.

Amigos desavisados

Trouxeram-te sombra e dor?

Diante de todos eles,

Ajuda com mais amor.

Feriram-te as esperanças

Brandindo verbo agressor?

Não critiques, nem te queixes...

Ajuda com mais amor.

Ante o jogo das ilusões

Que o mal te venha propor,

No cultivo da humildade,

Ajuda com mais amor.

Se desejas alcançar

A comunhão do Senhor,

Arrima-te à caridade

E ajuda com mais amor.

Reflexão para o Ano Novo

Desperta, tu que dormes!

Levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará!

Portanto, andai prudentemente, não como néscios, mas como sábios, usando bem cada oportunidade, porquanto os dias são maus.

Por isso, não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor.

Estas vigorosas afirmativas são do Apóstolo Paulo (Efésios 5:14-17), que despertou para a fé no glorioso encontro com Jesus, às portas de Damasco, tornando-se o grande bandeirante do Evangelho.

Ele foi o cristão mais acordado de seu tempo.

Tinha plena consciência do que o Evangelho representa.

Via nos ensinamentos de Jesus não um simples desdobramento dos princípios judeus, de valor temporal e restrito, mas uma revelação divina que se destinava a todos os povos e todos os tempos.

As palavras de Paulo são atuais hoje como o foram em sua época e merecem reflexão.

Como sabemos, há um objetivo para a existência humana.

Estamos aqui, fundamentalmente, para evoluir. Cumpre-nos desenvolver as potencialidades criadoras e as virtudes embrionárias que caracterizam nossa filiação divina.

Quem não está consciente disso dorme o sono da indiferença, embalado nos devaneios sugeridos pelos vícios, paixões, interesses e ambições que caracterizam o homem comum, mesmo quando se julgue desperto e muito esperto.

Diz o empresário:

- Estou acordado! Tenho iniciativa! Guardo sob minhas ordens milhares de funcionários, trabalho dezesseis horas por dia. movimento milhões, aumento cada vez mais meus patrimônios!

Diz a jovem imatura:

— Estou acordada! Divirto-me, passeio, namoro, adoro a madrugada, curto a vida!

Diz o viciado em drogas:

- Estou acordado! Sou capaz de viajar para o céu quando queira, ampliando minhas percepções e experimentando a plenitude da euforia!

Diz o homem do mundo

- Estou acordado! Sei defender meus direitos.

Jamais permito que me passem para trás. Dou um boi para não entrar em briga, uma boiada para não sair dela. Não levo desaforo para casa.

Pobres tolos!

Proclamam-se acordados.

São sonâmbulos que falam e ouvem!

Pensam que sabem tudo.

Não sabem nada!

Imaginam ter tudo sob controle.

Mergulham num oceano de inconseqüências!

Acalentam sonhos ilusórios.

Amargo será seu despertar!

Um ano se encerra com seu acervo de experiências, com suas realizações e frustrações, com seus momentos bons e maus...

Um ano se inicia com sua carga de esperanças.

Isso é bom.

A esperança é o facho sagrado que aquece o presente e ilumina o futuro.

Mas é preciso analisar o que esperamos no novo ano, a saber se estamos cultivando esperanças legítimas ou meras ilusões.

Que paremos por instantes e nos perguntemos, lembrando o apóstolo:

- Estou acordado? Tenho consciência do que faço na Terra e do que me compete realizar?

Isso é fundamental.

Caso contrário vamos incorrer nos mesmos enganos, cometer os mesmos erros; entrar pelos mesmos desvios, sem perceber por onde andamos e o que nos compete fazer.

Se despertarmos, Cristo nos iluminará - diz Paulo.

Essa é a grande bênção do despertar.

Mas a luz do Cristo é também o grande teste para saber se estamos despertos.

Basta confrontar o que somos e o que fazemos com o que Jesus fazia e recomendava.

Perdão, mansuetude, compreensão, tolerância, bondade, caridade, amor, são as luzes do Cristo.

Serão as nossas luzes?

Estamos iluminando e aquecendo nossas almas, com esse fogo sagrado?

Andai prudentemente, não como néscios, mas como sábios - diz Paulo.

Néscio é um adjetivo forte, pejorativo.

Significa ignorante, inepto, insensato, incapaz.

Sábio é aquele que vê além das aparências.

E alguém atento à necessidade de aprender sempre.

Curiosamente, a sabedoria começa na consciência da própria ignorância.

Sócrates, o pai da filosofia, considerado o homem mais sábio de seu tempo, dizia:

- Não sei por que me consideram sábio, porquanto toda a minha sabedoria consiste apenas em saber que não sei nada.

E a partir do reconhecimento de nossas limitações e do empenho por superá-las que começamos a despertar para a vida em plenitude.

Diz Harry Emerson Fosdick que:

Nenhum cavalo chega a parte alguma antes de ser domado.

Nenhum vapor ou gás impulsiona coisa alguma, enquanto não for aprisionado.

Nenhuma cachoeira se transforma em luz e força antes de ser canalizada.

Nenhuma vida jamais se tornará grande enquanto não for orientada, consagrada, disciplinada.

É preciso, para isso, aproveitar o tempo, superando o milenário torpor que caracteriza o homem terrestre, buscando nosso crescimento como Espíritos normais.

Paulo recomenda que não percamos as oportunidades, porque, como diz, *os dias são maus.*

Os cristãos, minoria no Império Romano, viviam em permanente expectativa de perseguições religiosas movidas pelos pagãos.

Eram dias difíceis, dias de sofrimentos, mas também dias de gloriosos testemunhos da fé para aqueles homens acordados, conscientes do que queriam, do que lhes competia fazer.

Os que buscam vivenciar em plenitude o Evangelho sempre encontrarão dias maus, já que a Terra é um planeta de expiações e provas, onde as forças das sombras pretendem sustentar domínio, explorando as tendências inferiores da Humanidade.

E se hoje não temos o Circo Romano, há as influências espirituais que se infiltram em nosso caminho, procurando nos confundir e desanimar nas porfias da fé.

E preciso, diz Paulo, aproveitar as oportunidades e fazer o melhor, considerando algo fundamental:

Não são aqueles em que enfrentamos o mal os piores dias.

São os dias em que não cultivamos o Bem.

Por isso, recomenda o apóstolo -, não sejais insensatos, mas procurai compreender a vontade de Deus.

Para aquele que está desperto, é fácil saber qual é a vontade de Deus.

Ela está perfeitamente expressa no Evangelho, que poderíamos definir como a Carta do Amor Divino.

Temos nas palavras de Paulo um bom roteiro para nossas reflexões. Definir se estamos despertos e conscientes ou se somos dorminhocos incorrigíveis, repetindo os mesmos enganos de sempre, próprios de sonâmbulos que não sabem o que fazem, nem por onde andam ou o que falam.

Mas também não precisamos solenizar o assunto, tornando-nos fanáticos inconvenientes.

O perigo mora aí!

O fanatismo nos leva a adotar posturas rígidas e antipáticas, e a criticar o comportamento alheio, cultivando a pretensão de ditar normas e padrões de conduta, como se fôssemos os donos da verdade.

Nesse aspecto, oportuno lembrar a oração de uma madre superiora esclarecida e comunicativa, consciente de suas limitações.

Sua prece é uma obra-prima de bom humor e perfeita compreensão do que lhe competia fazer para viver o Evangelho.

Senhor, Vós sabeis melhor do que eu que estou envelhecendo e um dia ficarei velha.

Não permitais que eu me torne tagarela e, principalmente, que adquira o hábito fatal de pensar que devo dizer alguma coisa sobre todos assuntos, em todas as ocasiões.

Livrai-me de querer, a todo momento, resolver os problemas de toda gente.

Conservai minha mente livre da enumeração de intermináveis pormenores: dai-me asas para ir diretamente ao assunto.

*Imploro a delicadeza suficiente para ouvir as narrativas dos males alheios.
Ajudai-me a suportá-las com paciência.*

*Mas selai meus lábios quanto a meus próprios achaques e dores. Eles estão
aumentando, Senhor, com o peso dos anos.*

*Ensinai-me a maravilhosa lição de que tis vezes pode ser que eu esteja
errada.*

*Conservai-me razoavelmente meiga; não quero ser uma santa - algumas são
tão difíceis de suportar! - mas uma velha amargurada, Senhor, é uma das
obras-primas do diabo.*

F azei-me ponderada, mas não carrancuda.

Prestativa, mas não mandona.

*Com todas as minhas vastas reservas de sabedoria, será uma pena não usar
todas.*

Mas Vós sabeis, Senhor, que no fim quero ter alguns amigos.